

**Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de História**

**“Lages da Soledade”:
uma contribuição
à Pré-história
do Rio Grande do Norte**

**Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da Silva
Natal - RN, janeiro de 2003**

Agradecimentos

Bom, agradeço a todos que me ajudaram, principalmente, quando na consecução de projetos acadêmicos. Também agradeço o passar do tempo e o apoio de outras pessoas ao longo da minha vida. Também agradeço a todos que me orientaram, de seus pais, ou de seus escritos, me foi possível aprender e crescer. Também agradeço a todos que me ajudaram a manter acesa a chama da vida.

Agradeço a todos que me ajudaram.

Agradeço aos meus pais, Antonio e Hilária, e aos meus irmãos, Anderson e Paulo.

Agradeço aos meus colegas de trabalho e amigos, especialmente aos meus colegas de trabalho, pois sem eles não teria conseguido fazer o que fiz. Também agradeço aos meus pais, pois sem eles não teria conseguido fazer o que fiz.

Agradeço aos meus pais, pois sem eles não teria conseguido fazer o que fiz. Também agradeço aos meus pais, pois sem eles não teria conseguido fazer o que fiz.

Agradeço aos meus pais, pois sem eles não teria conseguido fazer o que fiz. Também agradeço aos meus pais, pois sem eles não teria conseguido fazer o que fiz.

Agradeço aos meus pais, pois sem eles não teria conseguido fazer o que fiz. Também agradeço aos meus pais, pois sem eles não teria conseguido fazer o que fiz.

Agradeço aos meus pais, pois sem eles não teria conseguido fazer o que fiz. Também agradeço aos meus pais, pois sem eles não teria conseguido fazer o que fiz.

Agradeço aos meus pais, pois sem eles não teria conseguido fazer o que fiz. Também agradeço aos meus pais, pois sem eles não teria conseguido fazer o que fiz.

***Aos meus pais e irmãos, os quais respeito e
admiro e sem os quais jamais teria feito minha
graduação.***

Agradecimentos

Bom, agradeço a todos que me ajudaram, principalmente, quando na consecução de projetos inicialmente pessoais, mas que com o passar do tempo e o apoio de outras pessoas acabaram tornando-se coletivos. Como também é coletiva a construção deste trabalho, onde minha caligrafia deixa entrever as nuances dos que me orientam, de suas palavras, ou de seus escritos, me foi possível retirar lições que busco sempre lembrar e as quais possuo em mais alta estima.

Agradeço a Deus pelas oportunidades.

Agradeço, mais uma vez, aos meus pais, Antonio e Hildete, e aos meus irmãos, Anderson e Patrícia.

Agradeço aos companheiros de curso, colegas de trabalho e amigos James Carlos (Negão) e Zaira Atanázio (Zairinha), com quem muitas vezes passei mais tempo do que com minha família, muitos bons tempos, diga-se de passagem.

Agradeço à Claudia Lago (Claudinha), pelas vezes que trabalhamos juntos, pela “ótima” comida, pelos livros emprestados, pelo computador emprestado e aproveito para lhe agradecer, também, por sua amizade.

Ao “pontual” Rodrigo Otávio, meu agradecimento pela sinceridade com que trata os amigos, pelas dúvidas tiradas ao telefone e pela dedicação com que trata os estudos.

Agradeço a Péricles Filgueira pela amizade e pelo apoio em empreitadas inusitadas.

Agradeço ao Prof. Francisco Marinho, a quem mesmo que eu passe o resto da vida agradecendo, ainda assim, não será o suficiente para demonstrar todo o apreço e amizade com que ele sempre tem me tratado.

Agradeço aos funcionários do DEH, Márcio e Toinho, e agradeço ao, também, funcionário Jorge Tavares pela tarefa que tão bem tem desempenhado à frente do NEH.

Agradeço ao Prof. Clyde Smith Júnior pelas doações de livros ao NEH.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Roberto Airon Silva, pela calma e precisão com que procurou direcionar meu trabalho, assim como, agradeço a confiança em mim depositada e o conhecimento compartilhado.

Agradeço as lições de vida e de arqueologia ministradas pelo Prof. Walner Barros Spencer.

Sumário

LISTA DE FIGURAS	6
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I: PRÉ-HISTÓRIA, HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA.....	12
1.1 - Dos cronistas aos pesquisadores nacionais: um breve histórico dos estudos em pré-história e arqueologia no Brasil.	16
1.2 - Idéias, conceitos e metodologias em voga no estudo da pré-história brasileira.	21
CAPÍTULO II: INFORMAÇÕES SOBRE A PRÉ-HISTÓRIA NORDESTINA E DO RIO GRANDE DO NORTE.....	27
2.1 - As obras sobre a pré-história do Rio Grande do Norte.....	29
2.2 - Áreas arqueológicas e informações relativas à pré-história nos registros rupestres.	33
CAPÍTULO III: O LAJEDO DE SOLEDADE ENQUANTO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PRÉ-HISTÓRICO.....	39
3.1 - Os grupos humanos na região de Soledade.	43
3.2 - Os registros rupestres no lajedo de Soledade.	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
BIBLIOGRAFIA.....	59

Lista de figuras

Figura 1. Pintura rupestre da Tradição Nordeste, São Raimundo Nonato-PI.	24
Figura 2. Registro rupestre da Tradição Agreste, Alcobaça-PE.	25
Figura 3. Gravuras rupestres da Tradição Itaquiara, Ingá do Bacamarte-PE.	25
Figura 4. Desenho de um tigre-de-dente-de-sabre.	34
Figura 5. Desenho de uma preguiça gigante.	35
Figura 6. Desenho de um mastodonte.	35
Figura 7. Localização do Lajedo de Soledade.	40
Figura 8. Desenho que recria a formação do Lajedo de Soledade.	41
Figura 9. Aspecto da formação calcária no Lajedo de Soledade.	41
Figura 10. Osso de preguiça gigante coletado no Lajedo de Soledade.	44
Figura 11. Fotografia de registro rupestre do Lajedo de Soledade (mãos desenhadas).	48
Figura 12. Desenho mostrando registros rupestres do Lajedo de Soledade.	49
Figura 13. Desenho mostrando registros rupestres do Lajedo de Soledade.	50
Figura 14. Desenho de registros rupestres do Lajedo de Soledade.	51
Figura 15. Fotografia de registros rupestres do parque nacional Sete Cidades, PI.	52
Figura 16. Fotografia de gravuras rupestres no lajedado de Soledade.	52
Figura 17. Gravuras rupestres de Ingá do Bacamarte, PB.	52



Introdução.

O estudo da Pré-História do Rio Grande do Norte é uma tarefa ainda pouco desempenhada, em termos da produção de livros ou artigos e, principalmente, no que tange a elaboração de monografias de final de curso. Embora seu potencial seja ressaltado pela bibliografia existente e reforçado através das evidências geoambientais e dos achados arqueológicos, é necessária uma análise acurada de determinadas zonas mais representativas para o contexto da Era Ágrafa potiguar.¹

A partir do Padre Francisco Correia Teles de Menezes em seu livro *Mapa do Novo Descoberto (Tomo 2: Da Lamentação Brasílica)* produzido no final do século XVIII, vários autores discorreram sobre os diversos aspectos do lajedo de Soledade e todos possuem em comum a importância atribuída as pinturas parietais de deste.² A região onde encontra-se o lajedo de Soledade, localizada no município de Apodi-RN, foi pesquisada nos primeiros anos da década de 1990 do século XX e desde então os trabalhos nesta região foram interrompidos, mesmo que este sítio arqueológico possua bastante relevância para a Pré-história brasileira. Após ter sido efetuada a escavação arqueológica de partes do lajedo, observou-se que este não oferecia condições de habitabilidade permanente, logo, inferiu-se que o conjunto rupestre presente no local representava as ocupações sazonais de grupos humanos pré-históricos que utilizavam as áreas em derredor de Soledade como lugar de habitação.

Sendo o maior sítio conhecido no Nordeste na proporção entre a quantidade de registros rupestres e o espaço geográfico, o lajedo de Soledade apresenta características atípicas dos padrões dos grupos humanos aos quais encontra-se vinculado, ou seja, os grupos da tradição Agreste de pinturas rupestres (pertencente a uma faixa cronológica de aproximadamente 5.000 anos antes do presente). Além disso, a cultura material encontrada durante as escavações de algumas ravinas, reforça a teoria de permanência temporária, por parte destes mesmos grupos, no lajedo de Soledade, fazendo-se crer na utilização deste como centro cerimonial.³

¹ Na região do Seridó, municípios de Parelhas e Carnaúba dos Dantas, obteve-se, respectivamente, a 2ª e a 3ª datações mais antigas para restos humanos no Nordeste brasileiro. In: MARTIN, Gabriela. *Pré-História do Nordeste do Brasil*, 1999.

² Uma reprodução das referências feitas sobre o Lajedo de Soledade e outros sítios arqueológicos do RN pode ser encontrada na obra: BASTANI, Tanus Jorge. *Minas e Minérios no Brasil: tesouros, cidades pré-históricas e minas abandonadas*, 1957.

³ SOUZA, Paulo Tadeu de, PACHECO, Leila Serafim, SPENCER, Walner Barros. *Projeto Soledade: relatório final*, 1994.

Foram justamente estes grupos humanos que serviram de referencial cronológico para este trabalho sobre a pré-história, já que os primeiros destes grupos estavam no Nordeste há aproximadamente 40.000 anos antes do presente e desde esta data até o contato com os europeus no início do século XVI, marco de contato interétnico que finaliza a pré-história brasileira, e a americana como um todo, eles vivenciaram os estágios culturais de caçador, coletor, ceramista e agricultor, sem que isto signifique que o aparecimento de um destes tipos culturais implique no desaparecimento de outro, muito pelo contrário, eles coexistiram em diversos grupos humanos no período ágrafo.

O lajedo de Soledade foi analisado como parte de um contexto arqueológico que envolve não só os seus aproximadamente 3 km² de extensão, mas também outros sítios arqueológicos da mesma região e os movimentos populacionais dos grupos humanos pré-históricos no Rio Grande do Norte. Para contemplar esta perspectiva, buscou-se como referência os trabalhos produzidos pelos arqueólogos e, também, pré-historiadores, Gabriela Martim e André Prous. O francês André Prous faz pesquisas sobre a pré-história brasileira a aproximadamente três décadas e, além de ser afeito a vários tipos de metodologias e correntes teóricas, é o autor do mais atualizado manual sobre a arqueologia brasileira, editado em 1990. A pesquisadora Gabriela Martim tem contribuído com seus trabalhos para a elucidação de questionamentos a respeito da pré-história nordestina, executando pesquisas em áreas pontuais deste mesmo Nordeste, inclusive no Rio Grande do Norte, uma região para qual ela elaborou um obra de referência, onde os resultados dos trabalhos arqueológicos realizados nos últimos anos neste quinhão do solo brasileiro foram compilados.

*“A arqueologia trabalha com evidências que se apresentam sob a forma de vestígios encontrados (...) e de relações entre estes e os conhecimentos acumulados sobre populações primitivas e suas culturas”.*⁴ Logo, nota-se que para o estudo da pré-história é necessário a análise de um tipo de fonte não presente no trabalho do historiador, o qual trabalha, essencialmente, com documentos escritos. Os vestígios deixados por comunidades pré-históricas constituem esta fonte e podem ser de dois tipos: indicativos da presença humana, como, por exemplo, as pinturas rupestres, ou podem ser caracterizadores efetivos da presença humana, como no caso dos materiais líticos e cerâmicos. Somente após o entendimento das

⁴ Ibid.

análises procedidas nestes vestígios é que foi possível elaborar informações sobre a pré-história da área abordada no presente trabalho.⁵

Além disto, fez-se necessário a leitura de autores norte-rio-grandenses que versam em seus trabalhos sobre a era ágrafa potiguar, ou até mesmo sobre grupos indígenas que habitaram no entorno do lajedo de Soledade, lugares como a lagoa do Apodi, já que alguns registros rupestres de soledade, caso específico das gravuras feitas sob o calcário, podem ser o resultado da preparação de instrumentos típicos do período Neolítico e este é um estágio cultural encontrado pelo colonizador nas sociedades indígenas não só no Rio Grande do Norte, mas no Brasil como um todo.⁶

Por meio destas informações é que pretendemos contribuir para o estudo da pré-história neste estado, ou seja, através de elementos concernentes ao complexo arqueológico de Soledade, tendo, também, em vista, a análise dos resultados das pesquisas arqueológicas feitas neste lajedo e em outros sítios arqueológicos próximos a este, no que tange ao fornecimento de dados essenciais para o entendimento do contexto pré-histórico em solo potiguar.

Nossa contribuição perpassa por alguns momentos básicos, onde, primeiramente, conceituamos arqueologia, história e pré-história, no intuito de observar as nuances do relacionamento entre estas áreas científicas e identificar a importância das idéias, conceitos e metodologias em voga no estudo da pré-história brasileira; nosso segundo passo, deu-se a partir do trabalho com as informações sobre a pré-história nordestina, confrontando-as com aquelas que foram escritas nas sínteses historiográficas pretéritas e contemporâneas às pesquisas arqueológicas já realizadas; nossa caminhada então seguiu para o lajedo de Soledade, onde estudamos os grupos humanos pré-históricos desta região e esboçamos assertivas sobre o período ágrafo na área deste lajedo, a partir da consonância entre os registros rupestres ali jacentes e os outros tipos de vestígios encontrados em Soledade e nos outros sítios arqueológicos próximos deste; como último passo, esboçamos considerações sobre os estudos em pré-história a partir do que se tem produzido e do que se tem como

⁵ As categorias de vestígios arqueológicos são bem esboçadas em PROUS, André. *Arqueologia brasileira*, p. 25 - 26.

⁶ Neste grupo de autores estão: CASCUDO, Luís da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*, 1982; MONTEIRO, Denise. *Introdução a história do Rio Grande do Norte*, 2000; LIRA, Tavares. *História do Rio Grande do Norte*, 2ª ed., 1982; MEDEIROS, Tarcísio. *Proto História do Rio Grande do Norte*, 1985.

potencial para o estudo desta temática, a qual possui relação direta com os tempos remotos dos seres humanos.



Capítulo I: Pré-história, História e Arqueologia.

Lidar com estudos relativos a Era Ágrafa perpassa sempre por uma série de mitos e juízos de valor pré-concebidos de tal forma que determinados acontecimentos da história humana parecem explicar-se por si mesmos ou porque o transcendente assim o quis. Na prática, a observação mais acurada dos primeiros períodos das sociedades humanas pode demonstrar uma série de fatos que, postos em uma cronologia determinada, podem traçar, mesmo que de forma relativa, o quadro da chamada pré-história – entendida aqui em sua significação primeira, ou seja, um período da história do homem onde as sociedades ágrafas desenvolveram-se.

Como parte desse desenvolvimento, é claro, encontramos a ampliação dos domínios físicos destes grupos humanos, o que se constitui até hoje como um fenômeno não somente social, como também histórico. No decorrer deste fenômeno de ampliação, relacionado com a evolução do gênero humano, temos um espaço cronológico de milhões de anos e um domínio espacial deste extraindo-se desde a África até o continente Americano.⁷

A pesquisa e a produção de obras sobre as sociedades ágrafas é uma tarefa comumente relegada aos chamados pré-historiadores. A relação entre a história e a pré-história encontra-se de certa forma fragmentada, pois, apesar da primeira – numa denominação mais ampla – estar relacionada com os acontecimentos das sociedades humanas, a segunda, atua com um período onde o tipo de fonte para o estudo não é a escrita, caracterizadora do trabalho do historiador, e sim composta, essencialmente, por artefatos; esta premissa, entre outros motivos, contribuiu para que estes dois momentos da história do homem fossem, aos poucos, afastados.

Nas palavras de MARC BLOCH, citado por Ciro Flamarion Cardoso, a história teria o significado de “*ciência dos homens no tempo*”⁸, ou, nas palavras do próprio CARDOSO “*o estudo científico das sociedades no tempo*”⁹, entretanto, este estudo científico está pautado na pesquisa com fontes escritas, o que não acontece com a pré-história, afeita ao trabalho a partir dos resultados advindos, geralmente, da análise da cultura material. Esta forma de pesquisa, desde o século XIX, aproximou a pesquisa sobre pré-história das ciências como a Antropologia e a Arqueologia.

⁷ Pesquisas recentes demonstram, respectivamente, o surgimento da espécie humana no continente Africano há 7.000.000 de anos e o povoamento da América recuando até 40.000 anos. Mais informações leia-se: GAMBÉRI, Lydia. O pleistoceno na área arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil, *Clio*, n. 4, p. 21 – 22.

⁸ CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma introdução à história*, p. 12.

⁹ *Ibid.*, p. 30.

Como um ponto em comum, podemos observar que tanto a história, quanto a pré-história, convergem para a utilização dos resultados advindos da aplicação de técnicas e metodologias próprias da ciência arqueológica. Apesar disto, podemos dizer que para um pré-historiador a análise de uma estrutura¹⁰ do tipo de uma fogueira, ou o estudo de um artefato da chamada "indústria lítica"¹¹, ambos procedidos por um arqueólogo, é muito mais necessário do que o é qualquer outro tipo de trabalho arqueológico para um historiador, mesmo que a arqueologia possa fornecer o "acesso a informações não mencionadas – ou deturpadas pelos textos."¹² Destarte, nota-se que:

*"O pré-historiador procura estudar as sociedades do passado mais remoto da humanidade, nos seus aspectos mais diversos (...) Como não dispõe de textos escritos, utiliza exclusivamente vestígios materiais deixados por nossos longínquos predecessores nos sítios arqueológicos e que são coletados por meio das técnicas arqueológicas. A arqueologia é, portanto, o único meio para o pré-historiador conseguir sua documentação, enquanto para o historiador ela não passa de uma ciência secundária".*¹³

A arqueologia, nome surgido da junção das expressões gregas *archaios* (antigo) e *logos* (a ciência, o tratado), foi facilmente apreendida por sua preocupação com o antigo e:

*"Sempre com o significado de história dos tempos antigos foi empregado, também, por Tucídides, Diodoro Sículo, Estrabão e Dionísio de Halicarnaso, todos historiadores gregos, e por Flávio José, historiador judeu, caindo, então, em desuso, somente reaparecendo no século XVII já com o sentido de síntese histórica do mundo antigo".*¹⁴

¹⁰ A partir das palavras de Prous, consideramos que uma estrutura arqueológica representa um conjunto significativo de vestígios, significando, ainda, estes últimos, os indícios da presença ou atividade humana em determinado local.

¹¹ A terminologia indústria lítica serve para designar um conjunto de instrumentos feitos a partir de pedras, o termo lítico advém da palavra grega lithos (pedra). Outras informações, leia-se: LAMING-EMPERAIRE, Annette. *Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul*, 1967.

¹² PROUS, André. Arqueologia, Pré-história e História. In: TENÓRIO, Maria Cristina. (Org.). *Pré-história da terra brasílica*, p. 20.

¹³ PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*, p. 25.

¹⁴ SOUZA, Alfredo Mendonça de. *História da arqueologia brasileira. Pesquisas*, p. 15.

Justamente por retornar com o direcionamento voltado para o mundo antigo, lugar de tesouros e cidades perdidas, é que este momento irá caracterizar a arqueologia como tendo em seus praticantes, verdadeiros personagens de obras de ficção. Os ‘trabalhos de arqueologia’ praticados a partir do século XVIII visavam recrudescer aos momentos áureos da Antigüidade Clássica européia, algo facilmente conseguido através do resgate de obras de arte em cidades como, por exemplo, Pompéia e Herculano.

Transferindo, em seguida, o olhar para o Oriente Próximo tivemos uma ‘arqueologia exploratória’ que, no afã de adquirir peças para compor os salões de exposição dos museus europeus e, também, para adquirir o bônus financeiro destas ‘descobertas’, caracterizou-se assim em boa parte do século XIX. Em fins desse mesmo século, e daí para diante, a arqueologia buscará gradativamente o seu desenvolvimento. Na atualidade, o que se percebe é a arqueologia ocupando seu espaço (lugar) enquanto ciência social autônoma, voltada para a compreensão dos processos de mudança cultural dos grupos humanos, sem que com isto deixe de estar *“intimamente relacionada com a história e com as outras ciências sociais”*.¹⁵

Claramente, a arqueologia, como qualquer outra ciência, possui um corpus teórico formado a partir de avanços e retrocessos que refletem a crítica feita aos elementos inerentes à pesquisa arqueológica. Evidentemente, também, como acontece com outras disciplinas, a prática arqueológica é detentora de tradicionalismos e personalismos, mesmo assim, isto não impede a preocupação e os esforços dirigidos em prol de teorizar a disciplina com padrões rigorosamente científicos. Fato que, aliás, contribuiu para o surgimento, já na década de 1960 do século XX, da corrente teórica chamada de “New Archaeology” (Nova Arqueologia).

“A nova arqueologia implica na utilização de um enfoque sistêmico no qual a cultura é vista como um sistema com partes interrelacionadas e interagindo, e em relação recíproca com seu meio ambiente físico e social, podendo-se descobrir as partes inatingíveis do sistema pelas influências que exerceram sobre as outras, tangíveis”.¹⁶

¹⁵ FUNARI, Pedro Paulo A. Arqueologia, História e Arqueologia histórica no contexto sul-americano. In: FUNARI, Pedro Paulo A. (Org.). *Cultura material e arqueologia histórica*, p. 8.

¹⁶ SOUZA, Alfredo Mendonça de. Op. cit, p. 38-39.

A "New Archaeology" aproximou a arqueologia da antropologia e esta demonstra ser, em igual medida, uma aproximação correlata com a história, por isso, acredita-se que:

"A diferença entre historiadores, antropólogos e arqueólogos tende a diminuir e se percebe que cada disciplina desenvolveu abordagens úteis para as outras, revertendo a tendência à ultra-especialização desenvolvida durante o século XIX e a primeira metade do século XX; exemplos disto são o sucesso da 'história das mentalidades' e os estudos estruturais da mitologia clássica."¹⁷

1.1 - Dos cronistas aos pesquisadores nacionais: um breve histórico dos estudos em pré-história e arqueologia no Brasil.

As primeiras informações 'arqueológicas' no Brasil, nos séculos XVI, XVII e XVIII, foram feitas sem o interesse científico, apenas para registrar o exótico (curioso, diferente). Assim são os relatos de, entre outros, Pero Vaz de Caminha (1500), Pe. Fernão Cardim (1585) e Gabriel Soares de Souza (1587), testemunhos que, embora sem a pretensão de serem científicos, tornaram-se textos que atuam como elementos norteadores da pesquisa arqueológica.

A partir do século XIX, aparecem no Brasil figuras como o dinamarquês Peter Wilhelm Lund, que viveu no país de 1834 até 1880 – (ano de sua morte). Lund viveu basicamente em Lagoa Santa/MG e coletou espécies faunísticas fossilizadas, além de ter encontrado numa lagoa subterrânea ossos humanos misturados com ossos de animais extintos. Este é o período dos naturalistas viajantes – homens interessados em adentrar o país e conhecer mais a fundo a flora, a fauna e a geologia brasileiras. Mesmo ainda com descrições exóticas semelhantes as descrições dos cronistas, a intuição, a formação e os preceitos científicos destes homens, fizeram com que eles anotassem e desenhassem características que serviram para incitar discussões sobre a antiguidade dos indígenas brasileiros, somente esclarecidas com escavações posteriores.

¹⁷ PROUS, André. Arqueologia, Pré-história e História. In: TENÓRIO, Maria Cristina. (Org.). Op. cit, p. 21.

*“No século XIX, os naturalistas interessavam-se pela geologia, pela zoologia, pela botânica (...) e pelos indígenas, considerados como fósseis vivos do ponto de vista cultural; com efeito, antes que o conceito evolucionista se firmasse em biologia, tinha sido introduzido pelos estudiosos das culturas, passando-se a denominar os povos não europeus de ‘primitivos’, conceito inexistente até o final do século XVIII”.*¹⁸

Entre 1870 e 1910, ocorreu a criação de três grandes institutos de pesquisa que podem ser considerados como sendo os responsáveis pelo início da arqueologia brasileira, sendo estes: o Museu Nacional (de origem monárquica), o Museu Paulista (republicano) e o Museu Paraense (organizado pela iniciativa de Emílio Goeldi). Fundados em meio a um contexto onde os grandes embates marcaram as disputas entre republicanos e monarquistas, o Museu Paulista e o Museu Nacional transferiram estas “contendas” para o campo da pesquisa científica no final do século XIX e início do século XX. Nas regiões Sul e Sudeste as pesquisas voltavam-se para o litoral e na Amazônia as primeiras escavações foram procedidas por Emílio Goeldi e K. Rath – dos idos de 1882 até 1900. Nesta época importantes coleções de materiais foram montadas por estas instituições, podendo, depois, serem utilizadas na elaboração de obras com caráter mais didático, bem como, serviram, também, para a caracterização cultural, principalmente, de grupos pré-coloniais na região amazônica. Atualmente, os resultados advindos de pesquisas baseadas na análise de coleções não são bem aceitos pelos pesquisadores brasileiros, entretanto, há que se reconhecer a importância que tal procedimento metodológico teve nos auspícios da ciência arqueológica no Brasil.

Nas décadas de 1910 a 1940 do século XX, ficou delimitado uma espécie de período de ‘estanco’ em meio ao qual escavações esparsas foram realizadas. O Museu Nacional manteve uma relativa atividade, motivada pela vinda de estrangeiros como o austríaco Padberg-Drenkpohl (1926) que pode ser considerado o “primeiro ‘profissional’ no Brasil”.¹⁹ Apesar das iniciativas isoladas de escavação em Lagoa Santa, na Amazônia, no Maranhão e no Mato Grosso, nada contribuiu para que a opinião corrente entre os cientistas – a qual dizia respeito à presença do homem na América há 6.000 anos – fosse quebrada. Durante o período correspondente às quatro primeiras décadas do século XX, houve, ainda, a elaboração do

¹⁸ Ibid., p. 27.

¹⁹ PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*, p. 9-10.

primeiro manual sobre a pré-história e arqueologia brasileiras, escrito em 1934 por Angyone Costa.²⁰

De 1950 a 1965, duas iniciativas marcaram a arqueologia brasileira: a primeira delas, diz respeito a implantação da lei federal 3.924, que a partir de 1961 regulamentou a defesa de jazidas arqueológicas – tornando-as patrimônio da União. A legislação criada, embora muito avançada, tornou-se de difícil aplicação, enfaticamente, pela ausência de pessoal especializado no reconhecimento de materiais arqueológicos e no conseqüente trabalho com estes. A segunda iniciativa, surgiu da tentativa de suprir esta lacuna e, para isto, foram convidados estrangeiros que ministraram cursos e estágios de escavação no Brasil, estes pesquisadores foram os responsáveis pelas primeiras datações radiocarbônicas brasileiras e, também, atuaram na implantação de institutos de pesquisa no Paraná, em Santa Catarina e na Bahia.

A partir de 1965 foi criado o PRONAPA, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, cujo principal objetivo foi que dos anos de 1965 até 1970 fossem coletadas informações que ajudassem a compor “um quadro geral das culturas brasileiras”.²¹ O PRONAPA atuou devido a “uma perspectiva integrada graças à utilização de uma metodologia única e de uma mesma perspectiva teórica”.²² A metodologia do PRONAPA empregava escavações rápidas e, por isto, incluía a pesquisa, preferencialmente, em sítios arqueológicos superficiais, pois estes possuem uma área bem delimitada e rapidamente poder-se-ia coletar uma grande quantidade de vestígios, sem que, com isto, precisasse escavar. Para reunir os resultados deste projeto foram feitos alguns seminários na tentativa de integrar a arqueologia brasileira.

Entretanto, esta perspectiva de integração ficou prejudicada pelo fato de importantes instituições de pesquisa como o Museu Nacional, o Museu Paulista, o Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina e o Instituto de Pré-história da Universidade de São Paulo não terem se interessado pela metodologia do PRONAPA, pois, ela, teoricamente, pouco se prestava às reconstituições paleoetnográficas. Estas instituições preferiram dedicar-se

²⁰ COSTA, Angyone. *Introdução à arqueologia Brasileira: etnografia e história*, 1934. (Coleção Brasileira).

²¹ PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*, p. 16.

²² *Ibid.*, p. 29.

“ao estudo minucioso de uns poucos sítios típicos, procurando estruturas de habitação, os hábitos alimentares, etc.”.²³

Discussões metodológicas à parte, a década de 1970 marcou o início das pesquisas arqueológicas em Minas Gerais e no Piauí e, em ambos os estados, as equipes de escavação contavam com a presença de missões de pesquisadores franceses, particularmente no caso do Piauí, estas pesquisas abriram caminho para que anos depois a região da Serra da Capivara ficasse conhecida no mundo inteiro por sua relevância para o estudo da antiguidade do homem na América. A ampliação dos estudos sobre a pré-história brasileira gerou, também, novos interesses por vestígios até então pouco pesquisados, apesar de muito citados, tratava-se das pinturas rupestres, que no início da década de 1970 começaram a ser observadas com o objetivo de se estabelecer “as primeiras datações para obras rupestres e sua inserção no contexto cultural pré-histórica”.²⁴ A década de 1980 mostrou um relativo crescimento da arqueologia no Brasil e, destarte, um conseqüente aumento no conhecimento da pré-história brasileira – como causas desse crescimento, podemos citar: as disciplinas Pré-história e Arqueologia foram instituídas no currículo de muitas universidades; os pesquisadores brasileiros passaram a ser convidados para ir ao exterior e, apesar de serem ainda poucos os técnicos e os laboratórios especializados, foi criada a SAB – Sociedade de Arqueologia Brasileira.

A arqueologia e, na mesma medida, o estudo da pré-história brasileira, teve um desenvolvimento paralelo ao da cultura brasileira, no início vinculada às ideologias dominantes e a influência européia, tendo decaído no instante em que o país passava por problemas internos. O desenvolvimento do ensino universitário após a Segunda Guerra Mundial foi o principal responsável pela formação de quadros, tendo, a princípio, mestres do exterior à frente e, só depois, professores brasileiros.

Podemos, ainda, dizer que, de certa maneira, a arqueologia brasileira seguiu – a passos lentos – o ‘rastros’ dos postulados teóricos e metodológicos europeus, como exemplo disto temos a aplicação da Nova Arqueologia, já praticada no continente europeu na década de 1960 e, que começou a ser utilizada no Brasil somente na década seguinte. A bem da verdade, o que se vê no Brasil, e não poderia deixar de ser diferente, é uma adaptação destes postulados, já

²³ Ibid., p. 16.

²⁴ Ibid., p. 17.

que as condições de pesquisa – não só em termos de formulação teórica, mas também no universo temático abordado – são bastante diferentes. Os próprios indícios da pré-história são diametralmente opostos ao que se observa na Europa, com todas as suas etapas bem elaboradas e posicionadas de forma didática em: Idade da Pedra Lascada, Idade do Fogo, Idade da Pedra Polida e Idade dos Metais.

No caso da pré-história americana, ela foi erigida partindo-se dos resultados de escavações que buscavam, e de certa forma ainda buscam, evidenciar o início do povoamento do continente, passando, em seguida, a análise das etapas de desenvolvimento cultural posteriores a este povoamento.

"Citarei, brevemente, os mais antigos sítios pré-históricos das Américas que apresentam cronologias paralelas a dos citados do Nordeste do Brasil e que podem ser agrupados em três grandes períodos cronológicos. O primeiro corresponderia a sítios que proporcionaram datações anteriores aos 100.000 anos de antigüidade (...) O segundo grupo de datações entorno da antigüidade do homem na América está entre 25 e 50 mil anos (...) Um terceiro grupo de sítios (...) com cronologias entre 12 e 10.000 anos, comporta número considerável de sítios em toda América, do Canadá até a Patagônia".²⁵

No Brasil, por exemplo, temos indícios da presença humana no Paleolítico Superior, por volta de 40.000 anos antes do presente. Ao aceitar esta época como o ponto de partida da pré-história brasileira, temos como marco cronológico final desta o ano de 1500, pois, este é um marco que simboliza uma alteração no 'modus vivendi' dos grupos humanos ágrafos brasileiros. Em termos de horizontes culturais, esta é uma mudança que pode ser esboçada sob o ponto de vista do contato interétnico e é representada através do "*estudo da manifestação material da expansão da cultura européia sobre o mundo não europeu*".²⁶ Destarte, temos o Paleolítico (ou idade da pedra lascada) para os primeiros grupos humanos em solo brasileiro, e o Neolítico (idade da pedra nova – polida) para as sociedades aborígenes avistadas pelos europeus na *Terra Brasilis*.

²⁵ MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 62-64.

1.2 - Idéias, conceitos e metodologias em voga no estudo da pré-história brasileira.

O Brasil, pelas suas dimensões, é um “país continente” e, por isso mesmo, é possível observar diferenças no clima, na vegetação e na geologia, as quais, entre outras, atuam como componentes do meio ambiente. Do norte ao sul, os lugares escolhidos para habitação são os mais variados possíveis e os recursos que possibilitaram a continuidade da vida, água e comida, por exemplo, apresentam-se exíguos em um extremo e abundantes no outro. Esse ecossistema, que era ainda mais amplo há milhares de anos, atuou na construção social dos caçadores, dos praticantes da coleta de alimentos e dos agricultores primitivos.

O ambiente agiu de forma peculiar nas condições de deslocamento, de alimentação e fabricação de instrumentos, para a sobrevivência das comunidades ágrafas. Isto implicou, em termos teóricos, na idéia de que as sociedades humanas dentro de uma mesma região adaptam-se às condições destes lugares, devendo-se acreditar que, mesmo com possíveis incongruências, é possível afirmar que etnias diferentes, em ambientes semelhantes, encontraram respostas parecidas. Desta formulação, adveio o conceito de Tradição Cultural – uma terminologia empregada para referir-se a um conjunto de características associadas a grupos humanos que, apesar de separados geográfica e cronologicamente, mantiveram um elo de ligação através dos tempos, demonstrado por meio das semelhanças entre seus vestígios.

*“Na década de 60, através do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), (...) os dados culturais obtidos nos trabalhos arqueológicos eram organizados em ‘fases’ e ‘tradições’. Esta sistematização teve como um de seus principais objetivos a realização de um levantamento diagnóstico dos vestígios arqueológicos encontrados no Brasil, naquele período”.*²⁷

Esta sistemática de organização tornou-se de tal forma arraigado nas terminologias adotadas para a pré-história brasileira, que hoje nos é possível observar que “o Brasil pré-

²⁶ LIMA, Tânia Andrade. Arqueologia histórica: algumas considerações teóricas. *Clio*, n. 5, p. 88.

²⁷ TENÓRIO, Maria Cristina. (Org.). Op. cit, p. 13.

histórico apresenta-se com tradições líticas, cerâmicas e rupestres de ampla dispersão através de suas grandes distâncias e ampla temporalidade".²⁸

Assim sendo, é possível notar que os grupos humanos pré-históricos, quando em meios abertos, postavam-se afeitos as "trocas culturais" (contato interétnico); já quando se encontravam compartimentados em um abrigo ou num ambiente, pela própria inviabilidade da comunicação, eram, por vezes, culturalmente isolados. Nesta atitude de contato, ou de isolamento, o relevo e a hidrografia contribuíram enormemente, tanto que observamos nas bacias hidrográficas de rios como o Amazonas e o São Francisco grandes prováveis pólos de difusão cultural, já os obstáculos naturais são vistos como grandes retenções desta difusão, mesmo quando estes obstáculos – a muito custo – foram superados.

Ao falar deste desenvolvimento, ou seja, da mudança do homem através dos tempos e de sua relação com o meio em que viveu, nos remetemos aos vestígios deste período, de modo que estes, de forma variada, tornaram-se os principais caracterizadores das sociedades humanas do período ágrafo. Dentro destes indícios, encontramos categorias distintas como no caso dos vestígios líticos e cerâmicos, que nos primeiros estudos da pré-história brasileira representavam o ponto alto das pesquisas arqueológicas; apesar de serem tratados de forma individual, estes horizontes legaram as primeiras informações cronológicas mesmo que ainda incipientes, sobre o desenvolvimento cultural na pré-história brasileira.

Entretanto, a constante reflexão teórica a que se submeteram os arqueólogos, desde o final da década de 1970 apontava na direção de um maior aprofundamento nas pesquisas com os registros rupestres adotando-se, inclusive, mudanças na terminologia:

"O termo 'registro rupestre', definição mais aceita entre alguns arqueólogos para substituir a consagrada expressão 'arte rupestre', pretende liberar da conotação puramente estética algo que, seguramente, é a primeira manifestação estética do homem, ao menos em grandes áreas geográficas nas quais não se configurou a arte móvel em osso e pedra, anterior às pinturas e gravuras rupestres".²⁹

²⁸ MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 239.

²⁹ MARTIN, Gabriela. Registro rupestre e registro arqueológico do nordeste do Brasil. *Revista da SAB*, n. 1, p. 293.

Além disto, temos, também, uma nova abordagem para os registros rupestres, chamada de “Abordagem Arqueológica”.

*“Nessa perspectiva de trabalho as pinturas e gravuras rupestres são consideradas como registros gráficos e como uma nova fonte de dados para a pré-história como um todo. Os registros rupestres são vestígios arqueológicos como o são os vestígios cerâmicos, líticos, sepultamentos, ornamentos e outras manifestações da cultura material devendo contribuir para formular novas hipóteses, assim como serem estudados a partir de hipóteses levantadas das análises de outros vestígios arqueológicos”.*³⁰

Entendidas como “as partes que ajudam a compor o sistema” da pré-história brasileira, tornou-se patente nas asserções relacionadas aos registros rupestres o imbrincamento destes com as chamadas tradições culturais, assim como ocorre com a indústria lítica e com os materiais cerâmicos. Para tornar mais claro, podemos dizer que o conceito de tradição rupestre:

*“compreende a representação visual de todo um universo simbólico primitivo que pode ter sido transmitido durante milênios, sem que, necessariamente, as pinturas de uma tradição pertençam aos mesmos grupos étnicos, além do que poderiam estar separados por cronologias muito distantes”.*³¹

Tanto quanto os outros tipos de vestígios, os registros rupestres carecem de um espaço físico e social para a sua elaboração. Tornou-se evidente que num país com as proporções do Brasil, e as variantes do espaço outrora citadas – por exemplo, a presença de diferentes matérias-primas utilizadas na preparação dos registros – implicaram em formas diferentes de se trabalhar as temáticas principais associadas a uma tradição, ou seja, a ocorrência de subdivisões. “Dentre as sub-divisões posteriores está a sub-tradição, termo introduzido para

³⁰ PESSIS, Anne-Marie. Registros Rupestres: perfil gráfico e grupo social. *Revista da SAB*, n. 1, p. 286.

³¹ MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 240.

definir o grupo desvinculado de uma tradição e adaptado a um meio geográfico e ecológico diferentes, que implica na presença de elementos novos".³² Outras subdivisões, embora de caracterização problemáticas, foram ainda observadas e denominadas de: estilos, variedades e fases.³³ Nas regiões brasileiras, até o presente momento, foram identificados nove tipos de tradições rupestres, sendo três as estudadas no Nordeste do Brasil.

A tradição Nordeste possui temas diversos: *"a luta, a caça, a dança e o sexo são habilmente representados com grande riqueza de interpretações, utilizando-se uma temática de traço leve e seguro"*.³⁴ Figuras humanas e de animais apresentam-se em proporção equilibrada, excetuando, as variações atribuídas às sub-tradições regionais (Fig. 1).



Figura 1. Pintura rupestre da Tradição Nordeste, São Raimundo Nonato—PI, fonte: MARTIN, Gabriela. Pré-história do Nordeste do Brasil, 1999.

A tradição Agreste recebeu este nome devido ao fato desta tradição ter sido caracterizada a partir dos sítios arqueológicos encontrados na região agreste de Pernambuco.³⁵ Apresenta como características principais os grafismos (desenhos) de grande tamanho, geralmente isolados, sem formar cenas e, quando estas existem, apresentam-se compostas por poucos indivíduos ou animais, são identificáveis, ainda, lagartos, a figura de um grande pássaro de longas penas e asas abertas, marcas de mãos e, às vezes, também de pés (Fig. 2).

Além das duas tradições já mencionadas, temos uma tradição caracterizada a partir dos sítios com gravuras rupestres; no nível Brasil, esta tradição recebeu o nome de "Geométrica" e *"caracteriza-se (...) por gravuras geométricas, inexistindo quase completamente representações figurativas"*.³⁶ No nordeste, estes tipos de figurações, por estarem, geralmente,

³² Ibid., p. 241.

³³ Ibid., p. 241.

³⁴ Ibid., p. 252.

³⁵ Ibid., p. 277

³⁶ PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*, p. 515.

“nas rochas das margens e nos leitos dos cursos d’água”³⁷ receberam a denominação de Itaquiataras, configurando-se, também, como uma tradição rupestre (Fig. 3).



Figura 2. Registro rupestre da Tradição Agreste, Alcobaça-PE, fonte: MARTIN, Gabriela. Pré-história do Nordeste do Brasil, 1999.

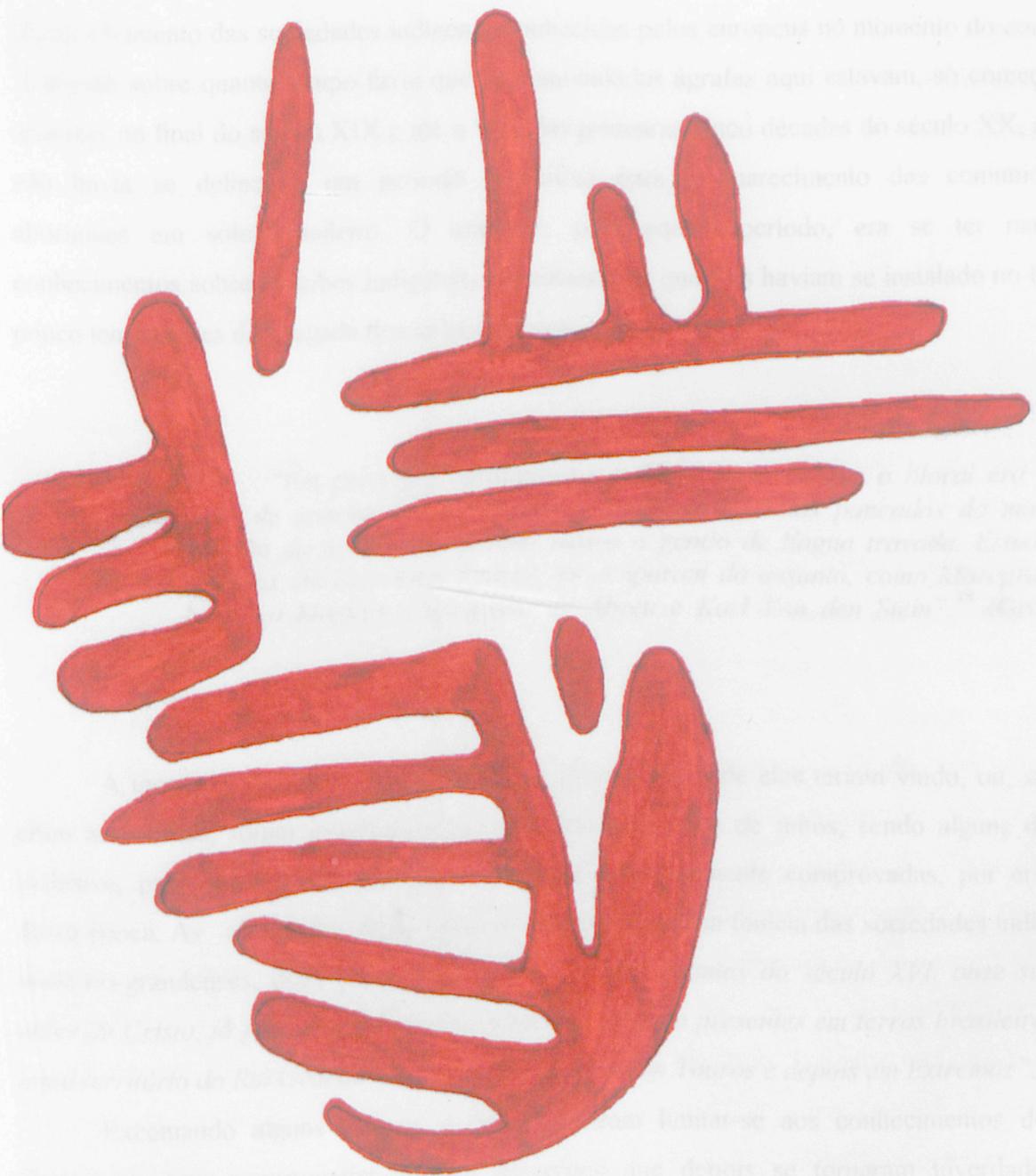


Figura 3. Gravuras rupestres da Tradição Itaquiatiara, Ingá do Bacamarte-PE, fonte: MARTIN, Gabriela. Pré-história do Nordeste do Brasil, 1999.

³⁷ MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 297.

Podemos perceber que os vestígios arqueológicos variaram, conforme a época e o seu grau de importância dentro das análises sobre a pré-história. Na atualidade, a ciência arqueológica atua de forma a que todos possam contribuir igualmente nos estudos relativos a Era Ágrafa, pois estes conjuntos de indícios, expostos nos sítios arqueológicos, representam as ações dos grupos humanos deste período e, quando analisados de forma coletiva, influem diretamente sobre o conhecimento de uma determinada região durante a época pré-histórica. Dessa forma é que os arqueólogos têm trabalhado nas chamadas "áreas" e nos "enclaves" arqueológicos, ou seja, de forma pontual para que cada um com seu resultado possa compor o quadro da pré-história brasileira.³⁸

³⁸ A autora Gabriela Martin em seu livro *Pré-história do Nordeste do Brasil*, define, respectivamente, área arqueológica e enclave arqueológico como sendo: a primeira, divisões geográficas que compartilham das mesmas condições ecológicas e nas quais está delimitado um número expressivo de sítios pré-históricos; o segundo, compreende o espaço menor do desenvolvimento de uma pesquisa arqueológica sistemática na qual ainda não foram fixados os limites culturais.



Capítulo II: Informações sobre a pré-história nordestina e do Rio Grande do Norte.

A pré-história nordestina foi quase sempre associada, exclusivamente, à presença e desenvolvimento das sociedades indígenas conhecidas pelos europeus no momento do contato. A dúvida sobre quanto tempo fazia que as comunidades ágrafas aqui estavam, só começou a aparecer no final do século XIX e até o final das primeiras cinco décadas do século XX, ainda não havia se delineado um período específico para o aparecimento das comunidades aborígenes em solo brasileiro. O iminente, para aquele período, era se ter maiores conhecimentos sobre as tribos indígenas, acreditando-se que elas haviam se instalado no Brasil pouco tempo antes da chegada dos colonizadores.

"Em princípio constatou-se a distribuição de que o litoral era pelos tupis de sonora fala nheengatu e mais distante das pancadas do mar, no saartão da terra, (sic) faziam rastro o gentio de língua travada. Estudiosos diversos em diferentes épocas, se ocuparam do assunto, como Marcgrave, o botânico Martius, Capistrano de Abreu e Karl Von den Stein".³⁹ (Grifo do autor).

A incerteza sobre o surgimento destes grupos, de onde eles teriam vindo, ou, se eles eram autônomos, foram indagações que geraram uma série de mitos, sendo alguns destes, inclusive, propalados como verdades científicas, empiricamente comprovadas, por eruditos dessa época. As afirmações destes, diziam respeito a origem fenícia das sociedades indígenas norte-rio-grandenses, pois, para alguns autores *"muito antes do século XVI, onze séculos antes de Cristo, já povos civilizados, os fenícios, estavam presentes em terras brasileiras, no atual território do Rio Grande do Norte, inicialmente em Touros e depois em Extremoz"*.⁴⁰

Excetuando alguns autores – que preferiram limitar-se aos conhecimentos de que dispunham, sem comprometer-se com asserções que depois se tornaram inverdades, as primeiras obras que tratam dos vestígios de comunidades ágrafas no nordeste referiram-se a estes como sendo de épocas não anteriores ao século II a.C., contribuindo, desta forma, para que no imaginário popular indícios da pré-história, como os registros rupestres, ficassem conhecidos como sendo, inclusive, "obra dos holandeses, quando marcavam o caminho onde

³⁹SOARES, Luci de Lourdes. *Notas a lápis sobre a arqueologia norte-rio-grandense*, p. 4.

⁴⁰MOURA, Pedro. *Fatos da História do Rio Grande do Norte*, p. 26.

deixaram seus tesouros”. As exceções, como, por exemplo, o autodidata Azevedo Dantas, ensejaram um período que só veio a se confirmar décadas depois com o advento de pesquisas feitas em grandes áreas arqueológicas do nordeste, como a região arqueológica do Seridó no Rio Grande do Norte, estes trabalhos, comprovaram o que o próprio Azevedo Dantas, em 1926, chamou de *Indícios de uma civilização antiqüíssima*.⁴¹

2.1 - As obras sobre a pré-história do Rio Grande do Norte.

Já falamos anteriormente da difícil relação entre história e pré-história, a bem da verdade, excetuando os livros didáticos, não vemos nas obras que buscam sintetizar a História brasileira a presença de um capítulo dedicado ao povoamento pré-histórico do Brasil. Na historiografia norte-rio-grandense esta tendência se mantém, tanto para os autores ditos “clássicos”, que escreveram “*obras de visão geral sobre a história do Rio Grande do Norte, escritas na primeira metade do século XX*”⁴², quanto para os pesquisadores mais novos, responsáveis “*por obras que tratam de temas específicos, produzidas mais recentemente*.”⁴³

Mesmo que ambas as categorias de escritores estejam afeitas ao conceito de história, outrora esboçado, e que, por isso, tentem manter uma perspectiva de articulação entre o presente e o passado, reconhecendo, inclusive, que dentro desta perspectiva existem pontos lacunosos dignos de serem trabalhados, as “Histórias” do Rio Grande do Norte até hoje escritas não contemplam o período ágrafo em solo potiguar. Podemos dizer, a partir das palavras de Câmara Cascudo, que a História do Rio Grande do Norte começa antes da atribuição de um quinhão de terra a João de Barros, sendo esta a história dos traficantes franceses, dos naufragos espanhóis e, principalmente, da nação indígena que circundava as margens do Rio Grande (Potengi) e habitava o interior do estado, caracterizando-se como uma história ávida de comprovações sobre este período.⁴⁴ Destarte, a abordagem da historiografia potiguar, mesmo sendo voltada para o Rio Grande do Norte enquanto espaço onde se desenrolaram os fatos que compõem a história do estado, peca, pois, assume, em geral, como

⁴¹ DANTAS, José de Azevedo. *Indícios de um civilização antiqüíssima*. João Pessoa: Casa J. Américo/IIIGP, 1994.

⁴² MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à história do Rio Grande do Norte*, p. 15.

⁴³ *Ibid.*, p. 15.

⁴⁴ CASCUDO, Luis da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*, 1984.

ponto de partida (ou marco cronológico) o século XVI, por se tratar do momento em que travou-se *"o contato das populações nativas com os colonizadores europeus"*.⁴⁵

Apesar da pré-história norte-rio-grandense não haver sido incluída nas sínteses históricas até então produzidas no estado, é possível observar alguns trabalhos onde ela aparece de forma central, ou secundária. Entretanto, são obras que demonstram uma série de informações desencontradas, obsoletas e, às vezes, até pejorativas, além daquelas que são detentoras, em determinados momentos, de asserções relativas mais à pré-história americana do que potiguar propriamente dita, alegando como justificativa para isto que *"o avanço de nosso conhecimento sobre os primitivos habitantes, entretanto, esbarra em uma grande dificuldade: a carência de vestígios dessas culturas"*.⁴⁶

Os autores ditos clássicos quando escreveram suas obras sobre a história do Rio Grande do Norte, não tiveram acesso ao material sobre a pré-história potiguar advindo dos resultados de trabalhos arqueológicos feitos somente décadas depois, inclusive porque as cinco primeiras décadas do século XX evidenciaram poucos achados arqueológicos e as discussões sobre o povoamento pré-histórico do Brasil eram ainda incipientes o que, em certa medida, não garante que, estando a par destas descobertas, eles as acrescentariam em seus livros, mas com relação a estes autores, nos colocamos com o direito de deixá-los sob o benefício da dúvida. Já para os autores da historiografia mais recente, a dúvida é porquê não acrescentar estes dados aos seus escritos?

Por exemplo, na década de 1980, os trabalhos arqueológicos no Piauí evidenciaram uma permanência humana naquela região tão remota quanto constante, como demonstram as palavras de Pedro Moura:

"A revelação que surpreende, foi feita por pesquisadores brasileiros e franceses que comprovaram que as pinturas rupestres, o carvão vegetal encontrado nas cavernas – resto de uma fogueira primitiva, os instrumentos de pedra e objetos de cerâmica, comprovam que toda cultura primitiva da região, tão próxima da nossa, tem a mesma idade pré-histórica, 31.000 anos, portanto mais antiga pelo menos 18.000 anos da cultura das descobertas anteriores".⁴⁷

⁴⁵ MONTEIRO, Denise Mattos. Op. cit., p. 16.

⁴⁶ Ibid., p. 20.

⁴⁷ MOURA, Pedro. Op. cit., p. 23-24.

A utilização deste tipo de teoria, hoje bem mais fundamentada do que no passado, nos remete a um trabalho melhor formulado, onde não teríamos idéias ligadas aos mitos sobre a pré-história nordestina e com, mais especificamente, a do Rio Grande do Norte. Entretanto, este pensamento não é contemplado nas páginas seguintes do trabalho de Pedro Moura, quando nos é possível observar como algumas teorias, mesmo mal fundamentadas e não mais utilizadas, são cíclicas e, como tais, retornam para afirmar que os vestígios arqueológicos encontrados no estado demonstram ser:

*“esta (...) a presença mais remota do Homem em terras que mais tarde formaram o Rio Grande do Norte. Assim nossos silvícolas, os Potiguares e Tabajaras, do ramo Tupi, no litoral, como também os Cariris, do ramo Tapuyas (sic), no interior, foram descendentes dos cários (fenícios) de onde todos nós, também, descendemos”.*⁴⁸

No contexto da década de 1980, período em que o livro de Pedro Moura foi escrito, a hipótese um dia aventada de que os fenícios haviam dado origem a grupos humanos no nordeste brasileiro tornara-se impraticável, como podemos observar, a partir das palavras de Tarcísio de Medeiros, um autor coevo à Moura, que ao citar o Prof. Gaston Laroche direciona suas afirmações no sentido de que, após uma nova migração, vinda dos Andes, Planalto Central e Amazônia, se teria, há três ou quatro mil anos, iniciado o processo de miscigenação dos chamados grupos paleo-ameríndeos, contribuindo na formação das nações paleo-índias brasileiras, entre as quais, os Potiguares (Tupis) e os Cariris que passaram a habitar o espaço do atual Estado.⁴⁹

Até este período a arqueologia, representada no estado pelos trabalhos do Museu Câmara Cascudo, havia legado importantes informações sobre a pré-história do Rio Grande do Norte, aliás, são os resultados destas pesquisas, publicados em pequenas e raras edições, que compõem a grande parte das publicações sobre a era ágrafa potiguar. Tendo iniciado suas pesquisas na área de arqueologia na década de 1960, motivado pela fixação de um núcleo do PRONAPA no estado, o Museu Câmara Cascudo, através de pesquisadores como Tom Miller,

⁴⁸ Ibid., p. 29.

Nassáro Nasser, e Armand F. Gaston Laroche, procurou, até meados dos anos 80, atuar em consonância com as metodologias utilizadas em outros estados do país e, por meio destas, poder gerar novas informações sobre os grupos humanos pré-históricos no Rio Grande do Norte. Foram os estudos destes que permitiram pensar nas sociedades ágrafas potiguares enquanto praticantes da caça, da pesca e da coleta como meio de subsistência.

Foi justamente o fato de trabalhar em consonância com o que se produzia sobre a pré-história em outros estados, o elemento que tornou possível para os pesquisadores em solo potiguar formular teorias sobre a ocupação humana pré-histórica no estado, inicialmente, com as tradições ceramistas propostas por Nássaro Nasser ainda na época do PRONAPA⁵⁰ e, posteriormente, com a tradição de pontas de lança formulada pelo Prof. Gaston Laroche.⁵¹ Entretanto, apesar da interrupção das pesquisas pelo Museu Câmara Cascudo, somente na década de 1990 é que os resultados mais promissores foram alcançados, através de achados, entre outros, na região do Seridó norte-rio-grandense e das pesquisas feitas no litoral do estado.

Os sítios pré-históricos assentes em dunas ao longo da costa do Rio Grande do Norte apresentam grande quantidade de material lítico, em sua maioria lascas e artefatos. Um dos sítios mais estudados foi o que é conhecido com o nome de "Fim do Mundo", em Genipabu, município de Extremoz, neste lugar, além do material lítico, foram encontrados fragmentos de cerâmica Tupiguarani. Os dados obtidos nos sítios do litoral levam a se conjecturar uma ocupação sucessiva desta área, a partir de 6.000 anos antes do presente.

A região do Seridó no Rio Grande do Norte, mais precisamente os municípios de Carnaúba dos Dantas e Parelhas, há muito tem sido analisada por pesquisadores do NEA, Núcleo de Estudos Arqueológicos, um grupo vinculado à Universidade Federal de Pernambuco. Desde a década de 1980 os trabalhos realizados buscam traçar características dos grupos humanos que habitaram em sítios arqueológicos como a "Pedra do Alexandre", em Carnaúba dos Dantas, e o sítio "Mirador", em Parelhas. Os sítios arqueológicos desta região foram analisados sob a perspectiva de um conjunto ímpar para o estudo da pré-história do

⁴⁹ MEDEIROS, Tarcísio. *Proto-história do Rio Grande do Norte*, 1985.

⁵⁰ NASSER, Nassáro A. de Souza. Considerações preliminares sobre a arqueologia da bacia do rio Curimataú. *Arquivos do Instituto de Antropologia Câmara Cascudo*. Natal: UFRN, Imprensa Universitária, 1970.

⁵¹ LAROCHE, Gaston, LAROCHE, Adjelma Soares e Silva. Ensaio de classificação tipológica sobre as pontas de arremessos e outros objetos líticos da tradição Potiguar. In: *Suplemento*, Natal: UFRN, n. 15, 1983.

Nordeste do Brasil, onde somam-se às datações radiocarbônicas obtidas em restos humanos exumados (9.400 anos para os mais antigos) os demais vestígios encontrados, dentre os quais aparece com grande destaque os registros rupestres. A forma de trabalho adotada no Seridó, para a pesquisa em pré-história, assemelha-se muito com a que é adotada em outros sítios do nordeste brasileiro, caracterizando-se como o estudo sistemático de uma das chamadas áreas arqueológicas.

2.2 - Áreas arqueológicas e informações relativas à pré-história nos registros rupestres.

A literatura sobre a pré-história nordestina tem acompanhado o direcionamento de outras regiões do país e, neste sentido, tem procurado trabalhar áreas específicas, onde o estágio das pesquisas a respeito do período ágrafo permite afirmar, ou refutar, informações que tratem do contexto vivenciado há milênios. Nestes lugares, a análise dos sítios arqueológicos procurou, e ainda procura, contemplar todas as variáveis que influenciaram no desenvolvimento das sociedades pré-históricas, dentre as quais destacam-se: o clima, o relevo, a hidrografia, a vegetação e a fauna. Estes são estudos levados a cabo por seus respectivos especialistas e que deixam para os arqueólogos a tarefa de analisar, através dos diversos ramos da ciência arqueológica, a incidência destas variáveis nos grupos humanos pré-históricos, pois:

*“Ao estudarem os sítios do homem pré-histórico, os arqueólogos descrevem não apenas os artefatos recuperados, os testemunhos da alimentação, os restos mortais, o ritual, a arte, os locais e as formas de estabelecimento e de relacionamento observadas dentro dos sítios e entre sítios e áreas, mas, (...) também classificam as culturas arqueológicas assim estabelecidas em períodos ou etapas”.*⁵²

Clima, vegetação e fauna, tornaram-se, com o tempo, aspectos melhor estudados, embora ainda se note uma considerável ausência nos estudos dos chamados paleoambientes. A formação do clima nordestino, como o conhecemos atualmente, teve seu início após a última

⁵² SHMITZ, Pedro Ignácio. A questão do paleoíndio. In: TENÓRIO, Maria Cristina. (Org.). Op. cit., p.55.

das grandes glaciações, há aproximadamente 10.000 anos.⁵³ Em algumas áreas da região Nordeste do Brasil as mudanças climatológicas significaram a saída de um clima tropical úmido e o ingresso no clima semi-árido, onde "existe uma estação de chuvas na qual se concentram as precipitações e uma estação seca, que dura de cinco a seis meses".⁵⁴ A mudança no ambiente causou, também, uma alteração na vegetação que, favorecida por estas novas características, passou a predominar no nordeste e ficou conhecida com o nome de "caatinga (palavra indígena que significa mato branco) onde a vegetação é principalmente arbustiva, de folhas pequenas e espinhosas, adaptadas para resistir à evaporação muito intensa e também por numerosas espécies cactáceas".⁵⁵

Estas mudanças no clima e na vegetação afetaram os animais que compunham a fauna existente no Brasil até o término da última glaciação, Wiconsin. Encontramos entre os animais que compunham a chamada fauna de grande porte, o tigre-de-dente-de-sabre

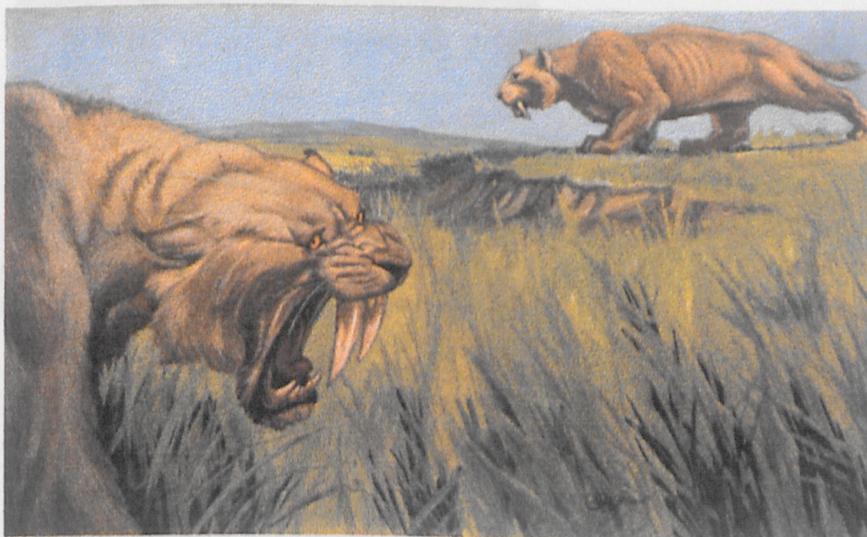


Figura 4. Desenho de um tigre-de-dente-de-sabre, fonte: MENDES, Josué Camargo. Conheça a pré-história brasileira, 1970.

(*Smilodon populator* – Fig. 4), a preguiça gigante (*Eremotherium lundii* – Fig. 5) e o mastodonte (*Haplomastodon waringi* – Fig. 6). Além desta fauna gigante, a qual contempla animais que pesavam toneladas, existiram os animais de pequeno porte, também utilizados como fonte de alimentação por grupos humanos pré-históricos.

⁵³ De acordo com BRÉZILON, Michel. *Dicionário de Pré-história*, p. 124, glaciações foram períodos de arrefecimento do globo terrestre e de alargamento das massas glaciares. Durante a era Quaternária, sucederam-se pelo menos quatro glaciações, separadas por reaquecimentos chamados interglaciares. Destas quatro, a última, chamada na América de Wisconsin, durou, aproximadamente, de 75.000 a 10.000 anos antes do presente.

⁵⁴ PESSIS, Anne-Marie. Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara. In: Tenório, Maria Cristina. Op. cit., p. 61.

⁵⁵ MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 58.



Figura 5. Desenho de uma preguiça gigante, fonte: MENDES, Josué Camargo. Conheça a pré-história brasileira, 1970.



Figura 6. Desenho de um mastodonte, fonte: MENDES, Josué Camargo. Conheça a pré-história brasileira, 1970.

As alterações geomorfológicas originaram uma espécie de reação em cadeia que contribuiu para o processo de extinção da megafauna. Embora essa extinção tenha ocorrido em todas as regiões do país, ela variou sensivelmente de acordo com as situações geográficas dos lugares onde sua presença foi confirmada, podendo ser observada, de forma gradativa, até 6.000 anos antes do presente – época em que a transição climática, iniciada com o degelo da glaciação Wisconsin, pôde completar-se. Estas mudanças são melhor observadas em lugares como a Serra da Capivara, onde as pesquisas estão sendo desenvolvidas com maior intensidade.

Desde a década de 1970, parte da região Sudeste do estado do Piauí, hoje transformada no Parque Nacional Serra da Capivara, está sendo pesquisada arqueologicamente por cientistas nacionais e estrangeiros que trabalham, inclusive, sob uma perspectiva integrada com outras áreas de conhecimento como, por exemplo, a zoologia e a botânica. A área pesquisada *"está situada na fronteira entre duas grandes formações geológicas que são a bacia sedimentar Piauí-Maranhão e a depressão periférica do São Francisco"*.⁵⁶ A longa pesquisa feita na região e suas conseqüentes descobertas tornaram-na uma das áreas mais importantes para o estudo da pré-história no continente Americano. Através de achados como "a mulher mais antiga do nordeste", de aproximadamente 9.600 anos, é que os pesquisadores da Fundação Museu do Homem Americano estão conseguindo formular teorias para o povoamento e desenvolvimento cultural de grupos humanos no Brasil e, mais especificamente, no nordeste.

Os resultados obtidos em escavações na Serra da Capivara caracterizaram, naquele local, três períodos de ocupação distintos que evidenciam o povoamento, o aumento populacional e o contato com grupos humanos exógenos. No caso do primeiro período, composto essencialmente por fogueiras e materiais líticos pouco elaborados, indica-se ocupações bastante tardias e que teriam se estendido de 50.000 até 12.000 anos atrás, foram observados registros rupestres associados com esse período, entretanto, não são suficientes para caracterizar uma tradição – ou qualquer outro tipo de sub-divisão destes.

No caso dos períodos posteriores, as tradições rupestres, acrescidos de outros tipos de vestígios, produzem informações culturais sobre os grupos humanos que as produziram, tanto

⁵⁶ Ibid., p. 96.

que estes grupos são chamados, respectivamente, de povos da Tradição Nordeste e povos da Tradição Agreste, nomes advindos dos registros gráficos elaborados.

*“As primeiras pinturas pertencentes à Tradição Nordeste estão datadas de 12.000 mil anos, (...) a permanência desta tradição é de 6 mil anos. As pinturas caracterizam-se pela escolha de temas que salientam os aspectos lúdico e exploratório da vida social (...) aparecem documentados todos os componentes do entorno: figuras animais, humanas, plantas e artefatos”.*⁵⁷

A partir de 10.500 anos antes do presente, os grupos da Tradição Nordeste deixaram de viver isolados e receberam a companhia de outros povos com características culturais diferentes, esboçadas principalmente nas pinturas rupestres. Os povos da Tradição Agreste permaneceram durante milênios na região, inclusive, após o desaparecimento dos grupos da Tradição Nordeste – algo ocorrido há aproximadamente 6.000 anos.

*“O crescimento demográfico não gerou apenas a necessidade de diferenciação cultural mas também o aparecimento de motivos de atritos próprios da procura de uma nova adaptação, de um equilíbrio ecológico e social. A multiplicação e diversificação dos grupos criou problemas de coabitação no interior de um espaço antes compartilhado por um número muito restrito de pessoas.(...) A ocupação do território e a diferenciação cultural provocaram rivalidades e inimizades, gerando enfrentamentos, testemunhados pelas pinturas rupestres”.*⁵⁸

O término da permanência dos grupos humanos da tradição Nordeste na região do Parque Nacional Serra da Capivara, implicou, de acordo com as pesquisas realizadas nesta área, numa migração destes grupos para outros rincões nordestinos, como a Bahia e Pernambuco, vindo, também, a se estabelecerem no Rio Grande do Norte, mais especificamente, na região Seridó do estado, a mais pesquisada até o momento e a qual está

⁵⁷ PESSIS, Anne-Marie. Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara. In: TENÓRIO, Maria Cristina. (Org.). Op. cit., p. 69.

⁵⁸ PESSIS, Anne-Marie. Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara. In: TENÓRIO, Maria Cristina. (Org.). Op. cit., p. 71.

localizada no vale do rio Seridó, integrante do sistema hidrográfico Açu-Piranhas. É uma localidade que tem sido trabalhada desde os anos 1980 do século XX e onde:

"a partir das primeiras prospecções foi assinalada uma nova área arqueológica da grande tradição Nordeste de pinturas rupestres, identificada, pela primeira vez, em São Raimundo Nonato no SE do Piauí, chamada de sub-tradição Seridó, como derivada da anterior".⁵⁹

Apesar de ter sido considerada, inicialmente, como uma área de trânsito dos grupos humanos da tradição Nordeste, os trabalhos arqueológicos realizados demonstraram uma ocupação bastante antiga, pois, foram coletados restos humanos datados de 9.410 anos antes do presente, além do que *"a abundância de itaquatiras ao longo dos cursos d'água e a presença de registros rupestres de outras tradições, formando às vezes palimpsestos sobre as pinturas mais antigas, indicam a presença de grupos étnicos diversos que deslocaram os anteriores".⁶⁰*

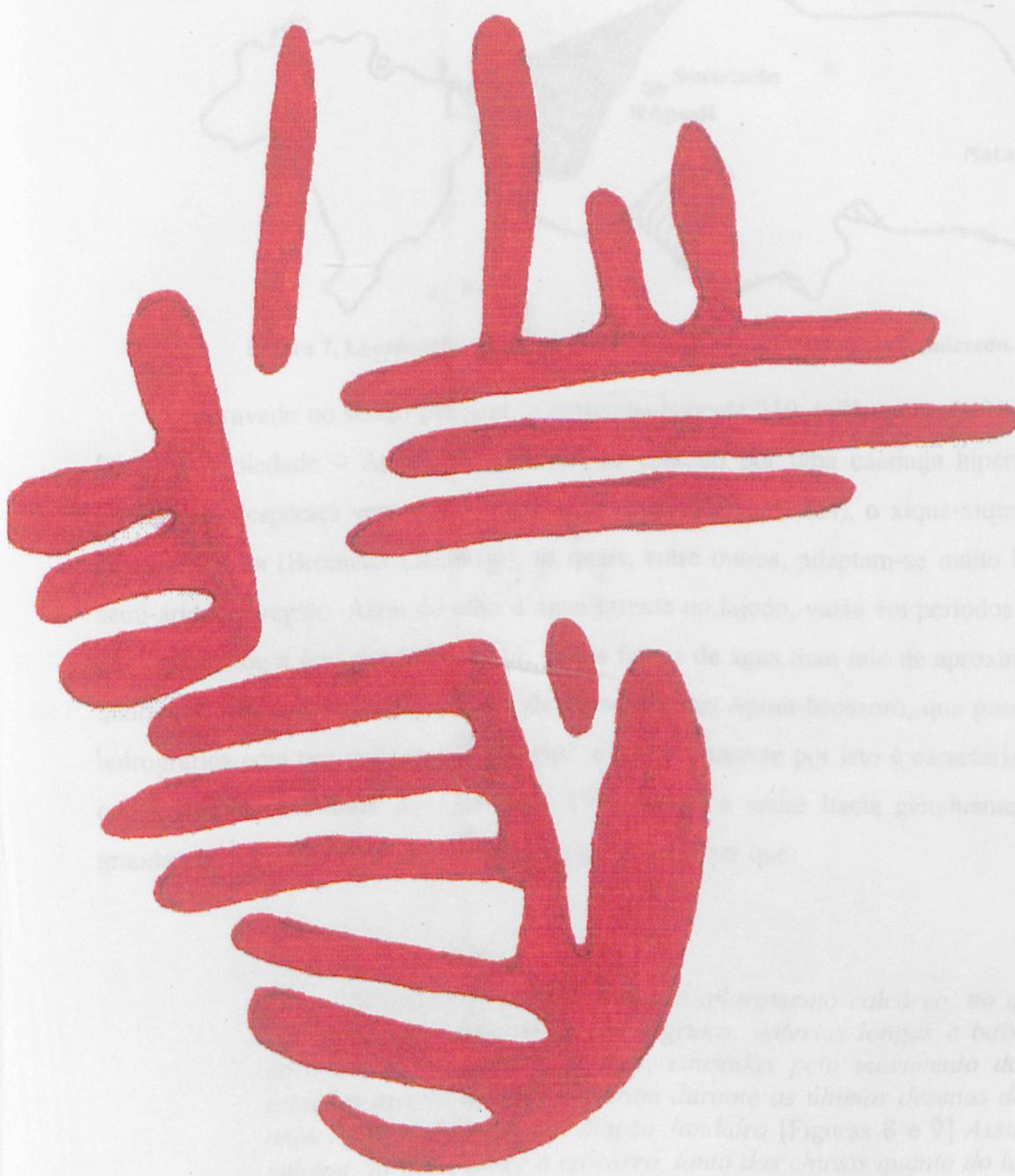
Os abrigos pintados na região Seridó acrescentam à tradição Nordeste elementos inerentes ao 'habitat' dos caçadores daquela região, assim são enxergadas as imagens que retratam pirogas⁶¹ com desenhos geométricos cuidadosamente elaborados, os objetos e a ornamentação presentes em alguns desenhos, além das representações que se assemelham a "paisagens". *"O mundo que aparece nas pinturas rupestres do Seridó é a vida cotidiana da pré-história, às vezes trágica e violenta, com figuras possuídas de grande agitação e outras que apresentam um mundo lúdico e brincalhão".⁶²*

⁵⁹ MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 110.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 112.

⁶¹ Pirogas são canoas indígenas feitas de troncos de árvores escavados por meio do fogo.

⁶² MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 261.



Capítulo III: O lajedo de Soledade enquanto sítio arqueológico pré-histórico.

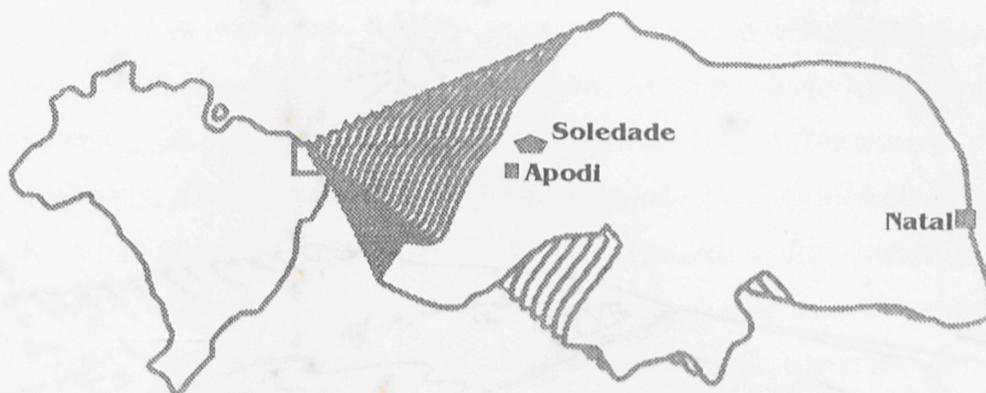


Figura 7. Localização do Lajedo de Soledade, desenho: Abraão Sanderson.

Encravado no sertão potiguar, a aproximadamente 310 quilômetros de Natal (Fig. 7), o lajedo de Soledade – Apodi/RN, encontra-se cercado por uma caatinga hiperxerófila onde predominam espécies vegetativas como o faveleiro (*Cnidoscolus*), o xique-xique (*Pilocereus*) e a macambira (*Bromélia Laciniosa*), as quais, entre outras, adaptam-se muito bem ao clima semi-árido da região. Além do olho d'água jacente no lajedo, vazio em períodos de seca, mas que denominou a área desde há muito, outras fontes de água num raio de aproximadamente 15 quilômetros de Soledade são a lagoa de Apodi e o rio Apodi-Mossoró, que possui uma bacia hidrográfica com por volta de 17.500 Km² e que justamente por isto é caracterizada, segundo o Diagnóstico Estrutural do Estado de 1976, como a maior bacia genuinamente norte-rio-grandense.⁶³ Ainda com relação ao lajedo, podemos dizer que:

*“Trata-se (...) de um enorme afloramento calcáreo, no qual desponta um grande conjunto de estreitas grutas, galerias longas e baixas, pequenos abrigos sob a rocha e ravinas, causadas pelo movimento das águas nas estações invernosas que erodiram durante as últimas dezenas de milhares de anos as superfícies da Formação Jandaíra [Figuras 8 e 9] Assim, o trabalho milenar da água sobre o calcáreo, tanto das chuvas quanto do lençol freático, por sua natural irregularidade, propiciou uma infinidade de ‘molduras’ naturais para pinturas e gravuras das mais diversas formas, tamanhos e técnicas”.*⁶⁴

⁶³ Diagnóstico Estrutural do Estado: recursos naturais. v. 2, p. 55.

⁶⁴ Diagnóstico Estrutural do Estado: recursos naturais. v. 2, p. 55.

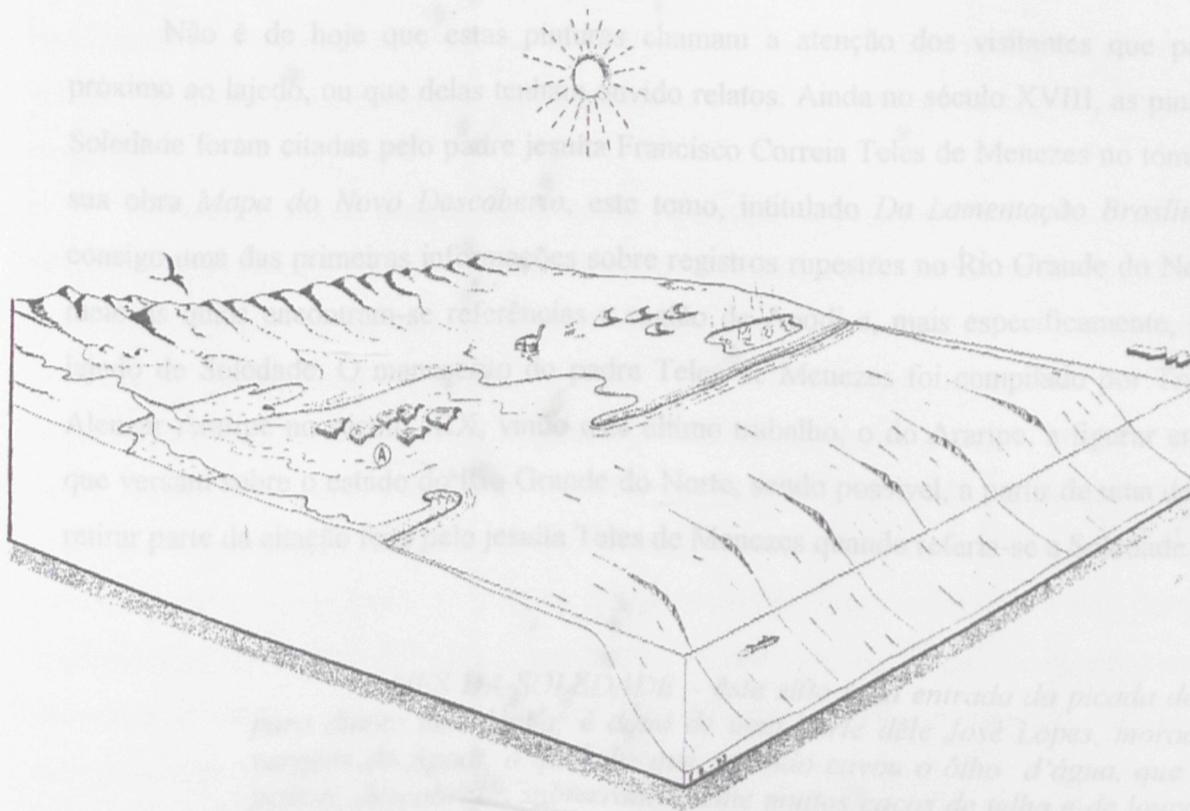


Figura 8. Desenho que recria o início da constituição calcária que hoje é o Lajedo de Soledade. A letra A, circulada no desenho, mostra dunas submersas que, a partir de 90.000.000 milhões de anos antes do presente, se petrificaram e foram transformadas em rochas calcárias conhecidas como Formação Jandaíra.

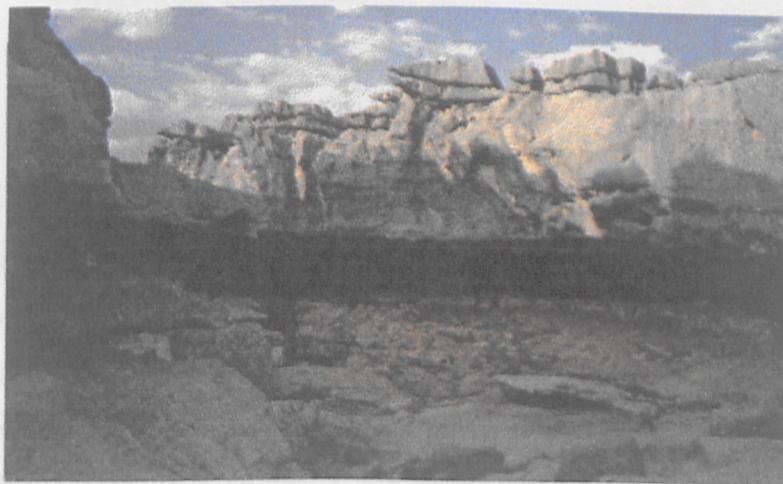


Figura 9. Aspecto da formação calcária no Lajedo de Soledade.

⁶⁴ ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza, PACHECO, Leila Maria Serafim. O lajedo de Soledade: um estudo interpretativo. In: TENÓRIO, Maria Cristina. (Org.). Op. Cit., p. 116.

Não é de hoje que estas pinturas chamam a atenção dos visitantes que passaram próximo ao lajedo, ou que delas tenham ouvido relatos. Ainda no século XVIII, as pinturas de Soledade foram citadas pelo padre jesuíta Francisco Correia Teles de Menezes no tomo IV da sua obra *Mapa do Novo Descoberto*, este tomo, intitulado *Da Lamentação Brasílica*, traz consigo uma das primeiras informações sobre registros rupestres no Rio Grande do Norte, em meio as quais encontram-se referências a região de Apodi e, mais especificamente, sobre o lajedo de Soledade. O manuscrito do padre Teles de Menezes foi compilado por Tristão de Alencar Araripe no século XIX, vindo este último trabalho, o do Araripe, a figurar em obras que versam sobre o estado do Rio Grande do Norte, sendo possível, a partir de uma destas, se retirar parte da citação feita pelo jesuíta Teles de Menezes quando referia-se a Soledade:

"LAJES DA SOLEDADE – êste sítio é da entrada da picada de Apodi para diante uma légua; é dono de uma parte dêle José Lopes, morador nas vargens do Apodi, o qual diz que, quando cavou o ôlho d'água, que é entre pedras, descobriu-o subterrâneamente muitos cacos de telha e de louça, como que com êles se fêz o entupimento, e logo pulsou água em abundância.

*Êste poço esta em uma ilharga dum pequeno terreno de terra firme, entre grande lajeiro de pedra de cal, por cujas ribanceiras e locas estão muitos sinais de tinta encarnada; mas como é aposento de passageiros, êstes os tem raspado com facas e ralado com pedras; e que por isto já mal se divulgam".*⁶⁵ (Grifo nosso).

Na sua época, o padre Teles de Menezes conseguiu apontar duas importantes ocorrências relacionadas aos painéis de pinturas rupestres do lajedo de Soledade, sendo estas, a necessidade de um trabalho mais acurado com os vestígios presentes em Soledade e a também necessária, interrupção da destruição progressiva que estes estavam sofrendo. Estes foram pontos comuns que, em maior ou menor monta, constaram nas observações de cientistas já no século XX, dentre os quais podemos citar Souza Cunha, Vingt-Un Rosado, Elizabeth Cabral, Nássaro Nasser e Tom Miller, este último tentou levar à cabo um projeto de pesquisa na chapada do Apodi, mas, infelizmente, não obteve sucesso. No final da década de 1980, pesquisadores da Petrobrás e integrantes da comunidade local iniciaram tentativas de educação

patrimonial com o intuito de preservar os vestígios que ainda restavam no lajedo, começando, destarte, a plantar as bases do que depois tornou-se a FALS – Fundação Amigos do Lajedo de Soledade.

Entretanto, fez-se mister que fossem oferecidas à sociedade local, que até então sobrevivia basicamente da mineração artesanal do calcário, outras fontes de renda através da aplicação na região de formas de desenvolvimento sustentável. Esta foi uma iniciativa que propiciou a preservação de áreas do lajedo “*pelo critério de apresentarem vestígios arqueológicos e paleontológicos, ou feições geológicas dignas de monta*”.⁶⁵ Foi em meio a este contexto de resgate e preservação dos vestígios presentes no lajedo que surgiu, em 1993, o Projeto Arqueológico Soledade, o qual incluiu, também, estudos nas áreas de geologia, paleontologia e espeleologia. O projeto Soledade previa uma continuidade das pesquisas arqueológicas na região do lajedo, entretanto, mesmo que as etapas posteriores de seu desenlace não tenham ocorrido, os trabalhos arqueológicos denotaram algumas contribuições aos estudos em pré-história no estado.

3.1 - Os grupos humanos na região de Soledade.

O contato interétnico, indígenas-colonizadores, que marca o final da pré-história brasileira deixa entrever grupos humanos que estavam afeitos à coleta de alimentos e à caça de pequenos animais, sejam marinhos ou terrestres. Em linhas gerais, os grupos humanos relacionados ao período ágrafo brasileiro podem receber, de acordo com maior ou menor dedicação a um determinado tipo de atividade de subsistência, quatro denominações: caçador, coletor, agricultor e ceramista. Estas atividades poderiam ter se desenvolvido concomitantemente, ou não, apesar de que o ambiente em muito influenciou na forma de sobrevivência adotada por estas sociedades, pois:

⁶⁵ BASTANI, Tanus Jorge. *Minas e minérios no Brasil: tesouros, cidades pré-históricas e minas abandonadas*, p. 346.

⁶⁶ BAGNOLI, Eduardo. O lajedo de soledade, Apodi (RN) – um exemplo de preservação do patrimônio cultural brasileiro com patrocínio da Petrobrás. In: *Anais do 4º seminário ambiental do sistema Petrobrás*, p. 6.

*“O homem, mesmo em condições rudes, sobrevive a acidentes climatológicos, mas não se adapta a eles. Se o fenômeno é periódico, ele periodicamente busca fugir-lhe. Não se adaptará ao acidente, mas criará experiência necessária para reconhecê-lo e defender-se dele. Se tem domínio sobre uma terra (...) não lhe foge para não mais volver, simplesmente afasta-se, para retornar tão logo se refaçam as condições anteriores”.*⁶⁷

Além da nomenclatura já referida, um outro termo pode ser inferido para culturas arqueológicas da pré-história brasileira, sendo este a denominação ‘paleoíndio’, com o objetivo de designar “populações que teriam vivido predominantemente de caça grande, também chamada megafauna”.⁶⁸ A noção de paleoíndio engloba, também, características como habitats amplos, uma indústria de apetrechos voltados para o abate e o escarneamento dos grandes animais e, conseqüentemente, lugares onde estes animais fossem escarnados – compondo aglomerações que os arqueólogos chamam de ‘sítios de abate’.

Esta denominação pode ser levantada, no plano das conjecturas, para a área de Soledade, já que apetrechos voltados para o abate e o tratamento da carne de animais da chamada megafauna foi identificada em regiões potiguares tendo, inclusive, na década de 1980, o professor Laroche batizado uma indústria de artefatos líticos – mais especificamente pontas de lança – com o nome de Tradição Potiguar, a qual possui alguns objetos diagnosticados na região Oeste do estado, mesma região do lajedo de Soledade. Além disto, durante a escavação paleontológica no Tanque da Mulher, uma das áreas do lajedo, “embora não possam ser relacionados, foi notada a presença, na fenda escavada, de restos líticos trabalhados pelo homem”.⁶⁹ O mesmo

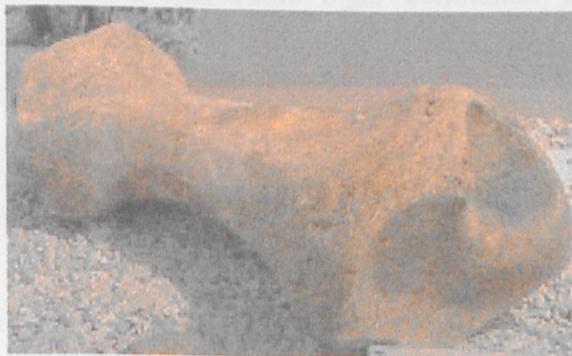


Figura 10. Osso de preguiça gigante, material fóssil coletado no Lajedo de Soledade.

também ocorreu em outras partes do lajedo, onde, segundo a equipe de espeleologia, materiais líticos e restos fósseis (Fig. 10) foram encontrados em cavernas, embora, “devido a extrema

⁶⁷ SPENCER, Walner Barros. *Em busca dos grandes caçadores*, p. 40.

⁶⁸ SHMITZ, Pedro Ignácio. A questão do paleoíndio. In: TENÓRIO, Maria Cristina. (org.). *Op. Cit.*, p. 56.

mobilidade dos materiais nas águas que turbilhonam pelo lajedo, toda e qualquer relação entre eles é muito difícil de ser feita".⁷⁰

Em meio ao reduzido material lítico encontrado durante as escavações arqueológicas, foi possível atentar para a presença mais acentuada do quartzo como matéria-prima utilizada para a fabricação de instrumentos, sendo esta uma característica, de maneira geral, das "indústrias líticas mais recentes, entre 6.000 e 2.500 A.P. (antes do presente), as quais no Nordeste brasileiro, estão associadas, primordialmente, aos grupos da tradição Agreste de pinturas rupestres".⁷¹ Já os vestígios cerâmicos apresentam-se, também, de forma reduzida, porém com alguns traços básicos que indicam, pelo formato dos fragmentos, tratar-se de pequenas vasilhas utilizadas como recipientes para bebidas ou tintas, além do que, demonstram diversificados tipos de decoração.

A formação calcária de Soledade apresenta-se durante boa parte do ano com a ausência de água, entretanto, as épocas de chuvas produziram vazantes que levaram consigo vestígios que estavam depositados naquele lajedo e isto, apesar de não ser justificativa, nos leva a observar a dificuldade de se caracterizar culturalmente os grupos humanos que fizeram uso do lajedo de Soledade durante o período pré-histórico. Mesmo assim, por meio dos vestígios coletados, pode-se rejeitar informações que serviram de lastro a uma idéia de utilização recorrente do lajedo, não como espaço de habitação e sim, como lugar cerimonial das sociedades ágrafas do entorno, pois, "ainda que a ocorrência fosse dez vezes maior, ou seja, ainda que tivessem sido encontrados apenas 10% do material que teria sido utilizado nas proximidades do lajedo, ainda assim seria pouco".⁷²

Mas que tipo de grupos humanos teriam usado o lajedo de Soledade como lugar ritualístico?

Bom, à princípio, as pesquisas indicaram a presença de remanescentes vestigiais de grupos que não dependiam da caça, sendo, provavelmente, grupos coletores/agricultores os que habitaram as vizinhanças do lajedo. Esta constitui-se como uma asserção bastante plausível, na medida em que quando voltamos o olhar para uma das necessidades mais básicas

⁶⁹ SOUZA, Paulo Tadeu de, PACHECO, Leila Serafim, SPENCER, Walner Barros. *Projeto Soledade: relatório final*, p. 5.

⁷⁰ Ibid., p. 6.

⁷¹ Ibid., p. 10.

do ser humano, o consumo de água, observamos que em Soledade esta é uma alternativa quase que ausente dificultando uma permanência no local por mais que dez dias. Não bastasse isto, temos outros sítios nas proximidades do lajedo de Soledade que se encaixam mais no padrão de lugares propícios a moradia humana, como, por exemplo, o sítio do Góes, a aproximadamente 15 quilômetros do lajedo, e o sítio do Tapuio, em distância semelhante ao do Góes.

Para se ter uma idéia da potencialidade destes dois sítios, basta dizer que na década de 1960, quando Antonio Campos e Silva produziu seu *Levantamento do material pré-histórico do Oeste potiguar*, eles representavam metade dos achados daquela região e, mesmo depois de décadas, quando os pesquisadores do projeto arqueológico de Soledade visitaram estes lugares, ainda foi possível observar "que repousam vestígios materiais das primitivas comunidades, principalmente machados polidos de diversos feitios, quebra-coquinhos, almofarizes e mãos de pilão".⁷³

Embora o uso da cerâmica não implique, necessariamente, na prática da agricultura, a associação feita à presença em Soledade de grupos coletores/agricultores ganha uma maior ênfase quando se enxerga que os grupos humanos pré-históricos moradores do sítio do Góes, além de trabalharem o material lítico sob a forma de objetos polidos, enfaticamente os machados – usados por comunidades indígenas para o desmatamento de áreas objetivando o plantio – também eram ceramistas (Figura 11), autores de "uma cerâmica grosseira (sic) (...) mal cosida, com grande quantidade de grânulos".⁷⁴

A partir das teorias para o povoamento do Nordeste brasileiro, que consideram, pelo menos parcialmente, os ambientes das regiões onde os conjuntos arqueológicos encontram-se inseridos, as temperaturas causticantes do clima semi-árido, a vegetação do tipo caatinga⁷⁵ e os recursos disponibilizados por este ambiente, pensasse em ocupações humanas no lajedo de Soledade desde 5.000 anos antes do presente. Esta afirmação considera o início incipiente da agricultura orbitando nesta mesma faixa cronológica e, também, as datações mais antigas

⁷² ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza, PACHECO, Leila Maria Serafim. O lajedo de soledade: um estudo interpretativo. In: TENÓRIO, Maria Cristina. (Org.). Op. Cit., p. 121.

⁷³ SOUZA, Paulo Tadeu de, PACHECO, Leila Serafim, SPENCER, Walner Barros. *Projeto Soledade: relatório final*, p. 5.

⁷⁴ SILVA, Antonio Campos e. *Levantamento do material pré-histórico do Oeste potiguar*, p. 82.

obtidas para a Tradição Agreste no estado de Pernambuco – lugar a partir de onde esta tradição foi batizada – sendo esta, a tradição a qual convencionou-se filiar os registros rupestres de Soledade.

3.2 - Os registros rupestres no lajedo de Soledade.

Outrora designamos algumas características da Tradição Agreste de pinturas rupestres e situamos, cronologicamente, seu aparecimento, a partir dos dados obtidos em sítios arqueológicos do Piauí e de Pernambuco, na faixa dos 5.000 anos antes do presente. Para nos referirmos à área de Soledade, faz-se necessário um acréscimo nas informações sobre esta tradição, a qual possui um grande número de sítios assinalados não só nos ‘agrestes’, mas também, em regiões semi-áridas do sertão nordestino do Brasil.

Três tipos de desenhos atuam como espécies de ‘emblemas’ da tradição Agreste e, por isto, de certa forma representam os indícios da passagem de grupos humanos relacionados com esta tradição por diferentes lugares, sendo estes, as figurações de mãos, lagartos e pássaros. Essa “ligação cultural” pode ser tida como advinda de uma memória coletiva originada a partir de histórias vividas, a qual foi composta “*de representações construídas coletivamente, que se transformam em lembranças marcantes na medida em que as vivências compreendidas nas histórias individuais são reforçadas e valorizadas pelas representações sociais*”.⁷⁶

As mãos aparecem em vários lugares dos painéis rupestres da tradição Agreste, onde se apresentam colocadas de forma chapada, ou semelhante a um tipo de ‘carimbo’, já que em algumas sub-tradições, como no caso do lajedo de Soledade, as mãos foram propositadamente pintadas com um desenho (Fig. 12) e não apenas manchadas com tinta.

⁷⁵ Segundo o geógrafo Aziz Ab’Saber, a caatinga possuiu sua formação e expansão há aproximadamente 10.000 anos antes do presente. Leia-se: AB’SABER, Aziz. Problemas das migrações pré-históricas na América Latina, *Clio*: série arqueológica, Recife: UFPE, p. 11 – 15, 1991.

⁷⁶ BAETA, A., MATOS, I. M. Arte rupestre, etno-história e identidade indígena no vale do Rio Doce – MG, *Revista de Arqueologia*, n. 1, p. 304.



Figura 11. Registro rupestre do Lajedo de Soledade, mãos desenhadas e colocadas sobre o calcário (mãos carimbo).

*“A presença de marcas de mãos não é em si indicativo de uma determinada tradição, (...) mas a forma em que essas mãos foram representadas e o seu posicionamento nos painéis rupestres podem servir como fator classificatório e determinante de uma tradição. Além da presença entre os painéis da tradição Agreste, registramos também sua ausência nas pinturas da tradição Nordeste e nas gravuras das Itaquatiaras”.*⁷⁷

Dos poucos desenhos passíveis de identificação na tradição Agreste, as figuras representado lagartos (Fig. 13), animais típicos do sertão nordestino – quem é que nunca se assustou com o barulho de um calango em meio à caatinga – é um dos zoomorfos mais perceptíveis, variando de tamanho e aparecendo, geralmente, nas extremidades dos painéis de pinturas. Já as imagens de pássaros com longas penas e de asas abertas (Fig. 14) são, nesta tradição, um dos grafismos que inferem, também variando de acordo com o lugar, as figuras de antropomorfos. Figuras em forma de grade, tracejados e imagens circulares, ou com outros designers (Fig. 15), podem, ainda, aparecer na tradição Agreste, cuja temática, aparece em

Soledade de forma a evidenciar uma auto-afirmação, ou distinção social, através de procedimentos de encenação e apresentação gráficas, observando-se que “a valorização dos conjuntos gráficos foi substituída pela valorização das individualidades gráficas, das particularidades”.⁷⁸



Figura 12. Desenho mostrando registros rupestres do Lajedo de Soledade, a seta azul indica uma figura semelhante a um lagarto (um dos "emblemas" da Tradição Agreste).

As várias ravinas, grutas e os outros tipos de formações rochosas no lajedo de Soledade que apresentam registros rupestres, compõem uma das maiores áreas, num menor espaço geográfico, com este tipo de registro no Brasil. Este conjunto é sub-dividido em pequenas unidades que, por mostrarem-se desconexas umas das outras, foram analisadas de forma individual, numa tentativa de melhor se compreender o que cada painel rupestre naquele sítio arqueológico pode evidenciar (simbolizar). Uma das conclusões deste trabalho, imediatamente

⁷⁷ MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 277.

⁷⁸ PESSIS, Anne-Marie. *Pré-história do parque nacional Serra da Capivara*. In: TENÓRIO, Maria Cristina. *Op. cit.*, p. 71.

transferida para um espaço regional, foi a de que os registros de Soledade demonstravam ser, ao mesmo tempo, singulares e similares.

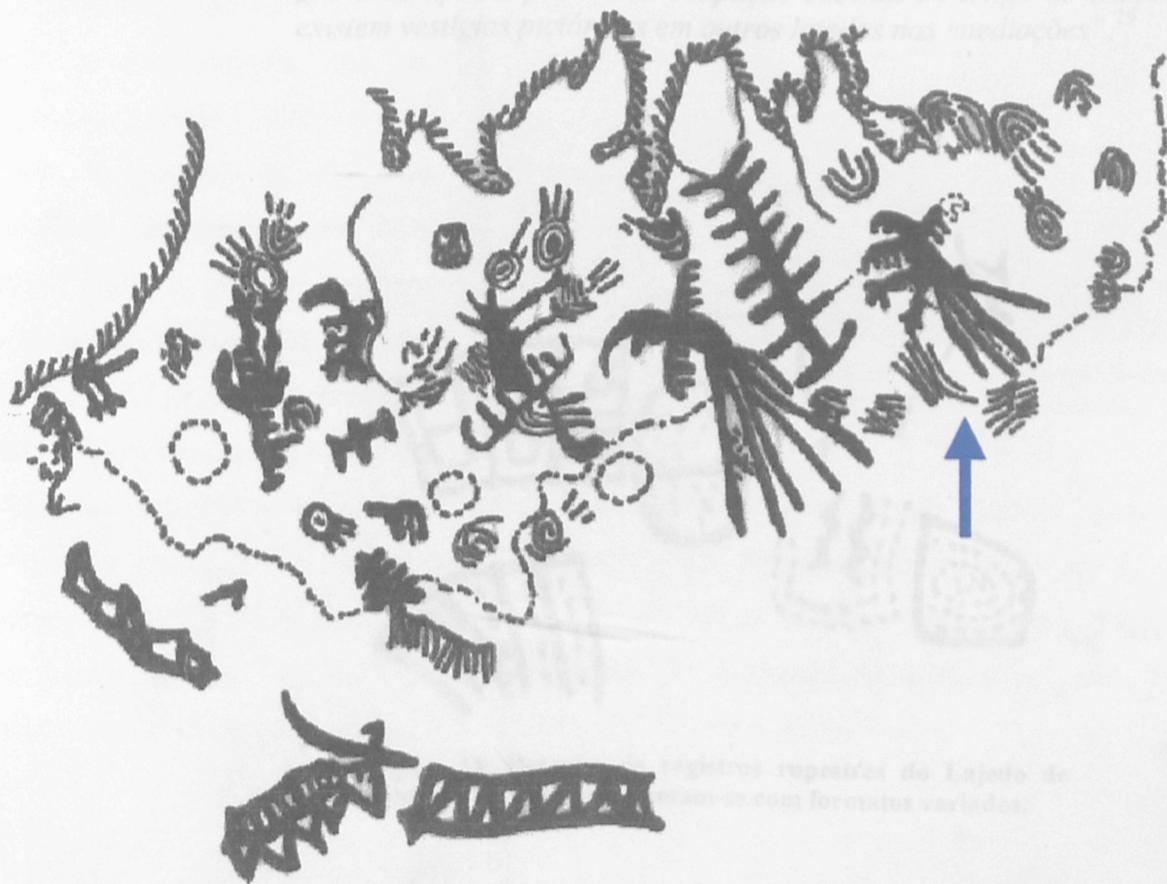


Figura 13. Desenho mostrando registros rupestres do Lajedo de Soledade, a seta em azul indica uma figura semelhante a um pássaro com asas abertas.

A similaridade de algumas das pinturas de Soledade com as de outros sítios arqueológicos lhe renderam o epíteto de sub-tradição Apodi, ou seja, o lajedo de Soledade é admitido como tendo sido um complexo rupestre de grupos humanos da tradição Agreste, os quais incutiram em seus registros características que lhes eram peculiares, as quais, podemos assim dizer, faziam parte de suas individualidades. Por outro lado, o caráter singular (raro) do lajedo incide sobre características, também observadas no decorrer dos trabalhos arqueológicos, as quais mostraram que:

*“As pinturas, entre seus diversos motivos, obedecem a determinados padrões conforme a ravina em que estão localizadas; que determinados painéis foram previamente preparados com a quebra de suas bordas; que, por parecer não ter sido um local de habitação permanente, a profusão de pinturas e gravuras aponta para uma ocupação sazonal ao longo do tempo; e que não existem vestígios pictóricos em outros lajedos nas imediações”.*⁷⁹



Figura 14. Desenho de registros rupestres do Lajedo de Soledade, os quais apresentam-se com formatos variados.

Dos pontos acima expostos, apenas o último, esboçado no relatório do projeto Soledade em 1994, foi posto em cheque, de acordo com as palavras da autora Gabriela Martin, a qual afirma que *“na bacia do Apodi-Mossoró (...) existem outros sítios com características semelhantes nos grafismos rupestres pintados em lajedos ao longo de cursos d’água, embora sem formar estruturas arqueológicas de ocupação humana”*.⁸⁰ Entretanto, esta asserção, feita cinco anos depois do relatório do projeto Soledade, não obnubila o caráter raro de Soledade, que possui pinturas rupestres análogas identificadas somente em Sete Cidades (Fig. 16), estado do Piauí, e no vale do São Francisco, mais especificamente nos estados de Minas Gerais e Alagoas.

⁷⁹ SOUZA, Paulo Tadeu de, PACHECO, Leila Serafim, SPENCER, Walner Barros. *Projeto Soledade: relatório final*, p. 13.

⁸⁰ MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 290.

Um outro tipo de registro rupestre no lajedo de Soledade que aparece de forma díspar, quando comparado com outros de sua mesma categoria, são as gravuras. Seja num nível nacional, como a chamada tradição Geométrica, ou num plano regional, onde as gravuras são representadas pela tradição



Figura 15. Fotografia de registros rupestres do parque nacional Sete Cidades, PI, no canto inferior esquerdo podemos observar "mãos carimbo" semelhantes as de Soledade.

sob a rocha mostram, geralmente, desenhos legíveis, ou seja, a intencionalidade de se evidenciar um tipo de "símbolo" (Fig. 16). No caso de Soledade, são raras as gravações que esboçam um grafismo legível, ou identificável (Fig. 17), pois, a maioria destes são traços longos e curtos que, apesar de profundos, alguns com mais de um centímetro de profundidade, não demonstram estar direcionados para a composição de uma figura.



Figura 17. Fotografia de gravuras rupestres no lajedo de Soledade, apesar da profundidade elas não parecem compor uma figura.



Figura 16. Gravuras rupestres de Ingá, PB, as quais, diferentemente de Soledade, formam desenhos mais inteligíveis.

Este tipo de ocorrência está presente em outros sítios arqueológicos brasileiros, sendo, normalmente, associados a grupos humanos que faziam estas gravações em locais próximos a água para facilitar a abrasão que resultaria no “*polimento de instrumentos, especialmente lâminas de machados*”.⁸¹ Em relação ao lajedo de Soledade esta ação se encaixa com o tipo de grupo humano que se estabeleceu há milhares de anos, os agricultores/coletores de Soledade estavam no estágio cultural neolítico e, como é típico em tal estágio para grupos humanos brasileiros, possuíam artefatos líticos polidos e careciam, evidentemente, de lugares para prepará-los.

Entretanto, em palestra proferida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o professor Walner Barros Spencer deu ciência de trabalhos de arqueologia experimental⁸², feitos com materiais provenientes do lajedo de Soledade, em que se evidenciaram a possibilidade destas gravações, na totalidade ou parcialmente, terem sido executadas por indígenas históricos possuidores de facões metálicos, utilizados nas lidas diárias e no confronto com o colonizador nas batalhas de resistência a este. Mesmo assim, e, apesar de ser notória a presença de etnias indígenas como os Paiacus, por exemplo, nas cercanias da Chapada do Apodi, esta é uma hipótese que, assim como a que propõe o surgimento das gravações durante o polimento dos instrumentos neolíticos, demandam novas pesquisas que fogem ao escopo de uma monografia de conclusão de curso.

Aparecendo como um componente a mais no sistema analítico da Era Ágrafa, os registros rupestres do lajedo de Soledade somaram-se a outros elementos caracterizadores de atividades humanas pré-históricas, tais como, vestígios cerâmicos e líticos, contribuindo para que a partir da análise da área onde encontra-se o lajedo, em meio a qual esta, também, incluída a observação de vestígios em sítios arqueológicos próximos, fosse notada a intencionalidade do uso de Soledade com uma mesma função ao longo do tempo, sendo esta a ritualística. Da mesma forma foi, também, percebida a especificidade de cada conjunto rupestre presente nos painéis deste sítio arqueológico, de forma que cada ravina pintada parece ter uma função específica, o que, deveras, amplia a idéia de centro cerimonial, sem, contudo,

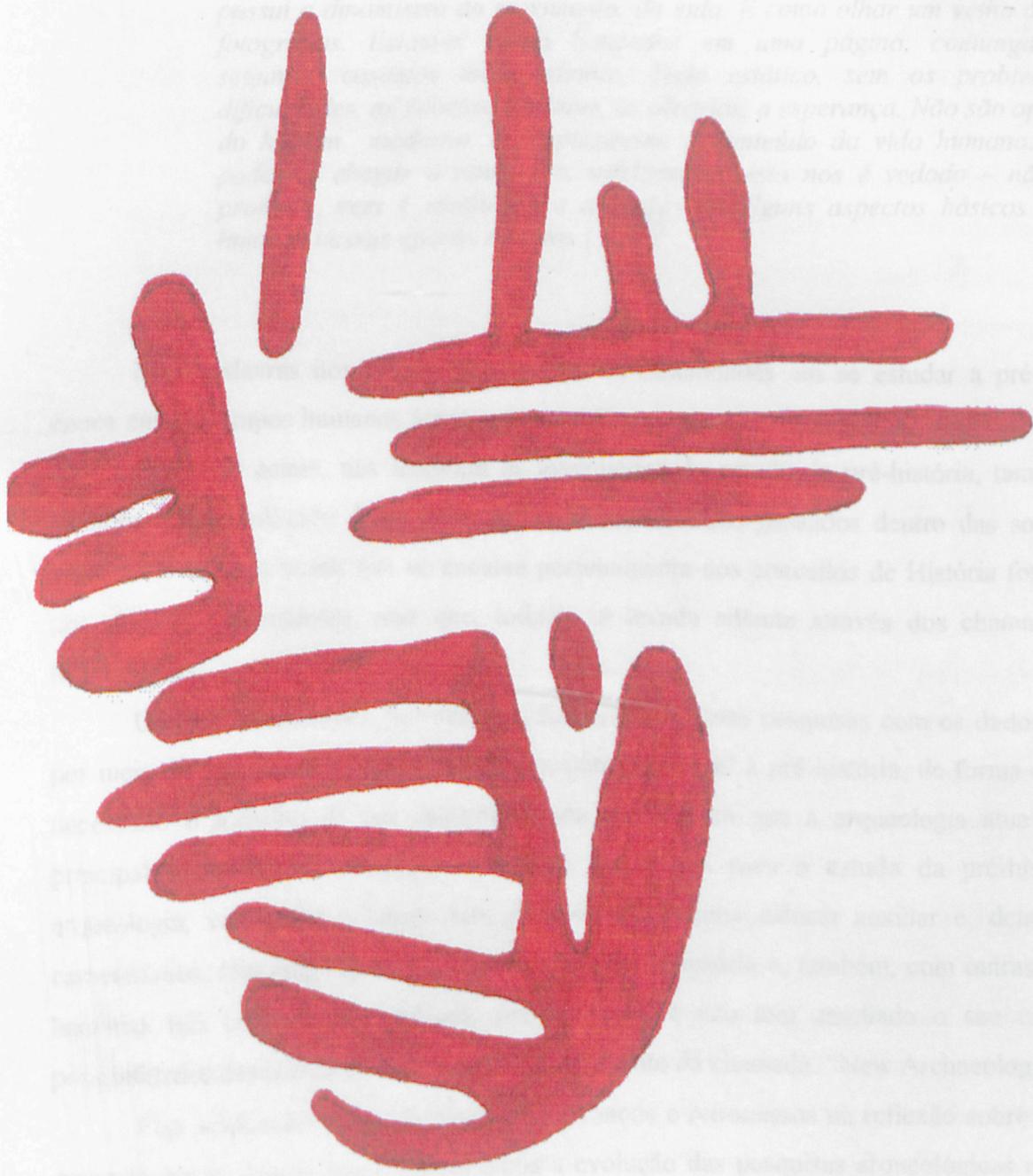
⁸¹ RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. Caçadores coletores de Roraima. In: TENÓRIO, Maria Cristina. Op. Cit., p. 144.

⁸² A arqueologia experimental consiste na tentativa de reprodução das ações que levaram a consecução de um determinado vestígio, neste caso específico, foram exercidas duas ações sobre um pedaço de calcário do lajedo de

afastar a hipótese deste ter sido um valhacouto para grupos humanos em fuga, ou na busca por caça e onde, seja qual for a função, lutavam pela sobrevivência.

Soledade, a primeira com um lítico e a segunda com um facão de metal, associando-se as marcas feitas pelo facão como sendo as mais próximas das existentes em soledade.

“Os estudos de Pré-História parecem uma sucessão de fatos, não fazem um movimento de compreensão da vida. É como olhar um velho álbum de fotografias. Cada página contém um fato, um episódio, um momento, sem os problemas, as dificuldades, as esperanças, a vida humana. Não são apontamentos de uma ciência moderna, que procura compreender o sentido da vida humana. Se não podemos compreender a vida humana, não nos é verdade - não nos é possível - estudar a história humana sob seus aspectos básicos da vida humana.”



... estudar a pré-história, ... Se ... história, também nos ... dentro das sociedades ... de História formadas ... dos chamados pré- ... com os dados obtidos ... de Fama eória, é ... a arqueologia atua como o ... da pré-história. A ... dentro desta ... com outras ciências ... o seu campo de ... "New Archaeology".

... e pesquisas em referência sobre a prática ... a evolução das pesquisas arqueológicas no Brasil, ... importância mundial, já no decada ... a representação, no desenvolvimento a mais no ... foi uma ... ou seja, no

Considerações finais.

Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da Silva

**“Lages da soledade”: uma contribuição à
pré-história do Rio Grande do Norte.**

*Monografia apresentada à disciplina Pesquisa
Histórica II, ministrada pela Professora Denise
Mattos Monteiro, do Curso de História da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
sob a orientação do Professor Roberto Airon
Silva.*

Natal-RN, janeiro de 2003.

*"Os estudos da Pré-História parecem uma sucessão de slides, não possui o dinamismo do movimento, da vida. É como olhar um velho álbum de fotografias. Estamos sendo batizados em uma página, comungamos na segunda, casamos mais adiante. Tudo estático, sem os problemas, as dificuldades, as vitórias, as dores, as alegrias, a esperança. Não são apanágios do homem moderno, é simplesmente o conteúdo da vida humana. Se não podemos chegar a tanto – e, infelizmente, isto nos é vedado – não nos é proibido, nem é insalubre, o alcançar de alguns aspectos básicos da vida humana nessas épocas remotas (...)"*⁸³

Estas palavras nos remete diretamente às dificuldades em se estudar a pré-história, época em que grupos humanos ágrafos desenvolveram os 'aspectos básicos' de suas vidas. Se elas, as palavras acima, nos lembram as intempéries do estudo da pré-história, também nos inspiram a possibilidade de se entender os acontecimentos passados dentro das sociedades deste período, uma tarefa que se encaixa perfeitamente nos conceitos de História formulados por eruditos historiadores, mas que, todavia, é levada adiante através dos chamados pré-historiadores.

Os pré-historiadores, por sua vez, fundamentam suas pesquisas com os dados obtidos por meio de trabalhos, arqueológicos. Logo, para 'fazer-se' a pré-história, de forma escrita, é necessário o trabalho de um arqueólogo, na medida em que a arqueologia atua como o principal meio de sistematização e análise das fontes para o estudo da pré-história. A arqueologia, vezes sim e vezes não, posta-se como uma ciência auxiliar e, dentro desta característica, tem ampliado o relacionamento com a história e, também, com outras ciências humanas tais como a antropologia, por exemplo, e isto tem ampliado o seu campo de possibilidades desde a década de 1960, com o advento da chamada "New Archaeology".

Esta ampliação surgiu de constantes avanços e retrocessos na reflexão sobre a prática arqueológica e, dentro desta, encontramos a evolução das pesquisas arqueológicas no Brasil, onde a noção de vestígios foi acrescida, ou ampliada, pela importância atribuída, já na década de 1970, aos registros rupestres, os quais passaram a representar um componente a mais no sistema analítico sobre a pré-história de um determinado lugar. Aliás, esta também foi uma mudança advinda do gradativo processo de reflexão dos métodos arqueológicos, ou seja, aos

⁸³ SPENCER, Walner Barros. *Em busca dos grandes caçadores*, p. 64.

poucos, as pesquisas sobre a pré-história têm procurado trabalhar em áreas pontuais, chamadas por alguns autores de áreas arqueológicas, e não apenas com as grandes sínteses que, às vezes, extrapolam as conclusões para regiões onde o estudo mais acurado pode colocar por terra as assertivas feitas outrora.

Mudança e reflexão parecem ser uma constante no estudo da pré-história nordestina, a qual, até pelo menos a primeira metade do século XX, esteve relacionada às etnias indígenas encontradas pelo colonizador, as quais, segundo alguns autores, estavam aqui há não mais que 2.500 anos antes do presente. Aliás, percebemos que são poucas as informações relativas ao período pré-histórico em obras de referência sobre a História do Rio Grande do Norte, sendo que, também nos foi possível notar, quando da não ausência do tema pré-história nos livros estudados, que as asserções sobre o período ágrafo no estado são desencontradas, estereotipadas e, as vezes, até míticas. Muito embora esta realidade não seja condizente com os resultados advindos de pesquisas arqueológicas realizadas em solo potiguar, tendo-se nos relatórios destas pesquisas, as informações mais detalhadas sobre a pré-história do Rio Grande do Norte. Talvez, isto justifique a ausência de referências ao período pré-histórico nas clássicas sínteses historiográficas sobre o Rio Grande do Norte, as quais foram produzidas na faixa temporal das cinco primeiras décadas do século XX, período em que o pensamento do indígena não anterior a 700 anos antes de Cristo afluía. Entretanto, ainda assim, não nos é possível encontrar outras explicações, a não ser o privilégio no corte temporal por outros períodos em que os acontecimentos foram 'mais significativos' e o desconhecimento das pesquisas arqueológicas recentes, para justificar a ausência do tema Pré-história em livros recentes que versam sobre a História do Rio Grande do Norte, ou pior ainda, o aparecimento de idéias míticas para explicar o povoamento pré-histórico do território potiguar.

Este mesmo povoamento, em linhas gerais, pode ser explicitado por trabalhos arqueológicos em algumas áreas do Nordeste, inclusive, no Rio Grande do Norte. Nestes lugares, os achados vestigiais e outros tipos de informações (clima, hidrografia e convívio social, por exemplo) sobre o contexto da Era Ágrafa podem ser corroborados através do estudo dos registros rupestres, como ocorre em São Raimundo Nonato, no Piauí, e no Seridó, Rio Grande do Norte.

Destarte, também podemos entender os sítios do lajedo de Soledade, como um lugar na Chapada do Apodi onde os registros rupestres, a cultura material e as demais informações

extraídas dos trabalhos arqueológicos realizados no local além, também, das pesquisas fortuitas, indicam a utilização ritualística do lugar por grupos humanos que parecem ter sobrevivido da coleta e cultivo de alimentos, além da caça esporádica. Estes grupos humanos foram bastante variados ao longo de milhares de anos, tanto que não podem ser afastadas outras possibilidades para alguns vestígios encontrados neste sítio arqueológico, para a análise dos quais se demandam novas pesquisas, sempre com o objetivo de contribuir para um maior esclarecimento sobre a pré-história daquela região.

Afinal, esta é a dimensão da pré-história brasileira e, mais especificamente, da noroeste-grandense, uma dimensão dotada de um repensar constante em meio ao qual novas contribuições serão sempre bem vindas, na tentativa de que lugares como o lajedo de Soledade não sejam esquecidos. Lugares que atuam como 'grafismos de um painel rupestre' implícito de individualidades, mas que deve ser analisado e, porque não, também admirado, por completo. Mesmo que o conjunto similar e singular da pré-história do Rio Grande do Norte não possa ser alcançado, ainda assim, podemos dizer que as informações a ela concernentes tendem a aumentar a cada dia, através de ilações, ou por meio de comprovações, e isto, não pode ser esquecido no legítimos de um corte temporal.

ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza, PACHECO, Leila Maria Serafim. O Injeto de Solidão: um estudo etnohistórico. FERNANDES, Maria Cristina. (Org.). *Pré-história da Terra brasileira*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

ALMEIDA, Raul T. *Os Índios do Rio Grande do Norte*. João Pessoa: EDUFFB, 1979.

BAFTA, J., MATHIAS, M. *Aspetos da cultura indígena no vale do Rio Douro - MG*. *Revista de Antropologia*, Belo Horizonte, SAB, v. 8, n. 1, p. 303-320, 1964.

RAGAN, J. *Os Índios do Rio Grande do Norte*. *Revista de Antropologia*, Belo Horizonte, SAB, v. 8, n. 1, p. 239-250, 1964.

BRAGA, J. *Os Índios do Rio Grande do Norte*. *Revista de Antropologia*, Belo Horizonte, SAB, v. 8, n. 1, p. 1-16, nov. 1963.

BRAGA, J. *Os Índios do Rio Grande do Norte*. *Revista de Antropologia*, Belo Horizonte, SAB, v. 8, n. 1, p. 1-16, nov. 1963.

BRAGA, J. *Os Índios do Rio Grande do Norte*. *Revista de Antropologia*, Belo Horizonte, SAB, v. 8, n. 1, p. 1-16, nov. 1963.

BRAGA, J. *Os Índios do Rio Grande do Norte*. *Revista de Antropologia*, Belo Horizonte, SAB, v. 8, n. 1, p. 1-16, nov. 1963.

CANTO, C. *Os Índios do Rio Grande do Norte*. *Revista de Antropologia*, Belo Horizonte, SAB, v. 8, n. 1, p. 1-16, nov. 1963.

CASCUDO, L. *Os Índios do Rio Grande do Norte*. *Revista de Antropologia*, Belo Horizonte, SAB, v. 8, n. 1, p. 1-16, nov. 1963.

COSTA, Agostinho. *Os Índios do Rio Grande do Norte*. *Revista de Antropologia*, Belo Horizonte, SAB, v. 8, n. 1, p. 1-16, nov. 1963.

DANTAS, José de Almeida. *Os Índios do Rio Grande do Norte*. *Revista de Antropologia*, Belo Horizonte, SAB, v. 8, n. 1, p. 1-16, nov. 1963.

DIAGNOSTICO Instituto de Estado: *Os Índios do Rio Grande do Norte*. *Revista de Antropologia*, Belo Horizonte, SAB, v. 8, n. 1, p. 1-16, nov. 1963.

FUNARI, Pedro Paulo A. *Os Índios do Rio Grande do Norte*. *Revista de Antropologia*, Belo Horizonte, SAB, v. 8, n. 1, p. 1-16, nov. 1963.

FUNARI, Pedro Paulo A. *Os Índios do Rio Grande do Norte*. *Revista de Antropologia*, Belo Horizonte, SAB, v. 8, n. 1, p. 1-16, nov. 1963.

Bibliografia.

- ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza, PACHECO, Leila Maria Serafim. O lajedo de soledade: um estudo interpretativo. In: TENÓRIO, Maria Cristina. (Org.). *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- ALMEIDA, Ruth Trindade. *A arte rupestre nos Cariris Velhos*. João Pessoa: EDUFPB, 1979.
- BAETA, A., MATOS, I. M.. Arte rupestre, etno-história e identidade indígena no vale do Rio Doce – MG. *Revista de Arqueologia*. São Paulo: editado pela SAB, v. 8, n. 1, p. 303-320, 1994.
- BAGNOLI, Eduardo. O lajedo de soledade, Apodi – RN: um exemplo de preservação do patrimônio cultural brasileiro. *Revista de arqueologia*, São Paulo: editado pela SAB, v. 8, n. 1, p. 239-253, 1994.
- _____, Eduardo. O lajedo de soledade, Apodi (RN) – um exemplo de preservação do patrimônio cultural brasileiro com patrocínio da Petrobrás. In: *Anais do 4º seminário ambiental do sistema Petrobrás*. Contagem – MG: Petrobrás, v. 2, p. 1 – 16, nov. 1993.
- BASTANI, Tanus Jorge. *Minas e Minérios no Brasil: tesouros, cidades pré-históricas e minas abandonadas*. Série B. (Coleção Mossoroense, n. 999).
- BRAIDWOOD, Robert J.. *Homens pré-históricos*. 2. ed.. Brasília: UNB, 1988.
- BRÉZILON, Michel. *Dicionário de Pré-história*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1969.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma introdução à história*. 9. ed.. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, Natal: FJA, 1984.
- COSTA, Angyone. *Introdução à arqueologia Brasileira: etnografia e história*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. (Coleção Brasileira).
- DANTAS, José de Azevedo. *Indícios de uma civilização antiqüíssima*. João Pessoa: Casa de José Américo/IHGP, 1994.
- DIAGNÓSTICO Estrutural do Estado: recursos naturais. v. 2. Natal: Fundação Instituto de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte – IDEC, 1976.
- FUNARI, Pedro Paulo A. Arqueologia, História e Arqueologia histórica no contexto sul-americano. In: FUNARI, Pedro Paulo A. (Org.). *Cultura material e arqueologia histórica*. Campinas: UNICAMP, 1998. (Coleção Idéias).

- GAMBÉRI, Lydia. O pleistoceno na área arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil, *Clio: série arqueológica*. Recife: UFPE, n. 4, p. 21 – 22, 1991.
- GUERRA, Valter de Brito. *Apodi, sua história*. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2000. (Coleção Mossoroense, v. 1145).
- LAMING-EMPERAIRE, Annette. *Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul*. Curitiba: EDUFPR, 1967.
- LAROCHE, Gaston, LAROCHE, Adjelma Soares e Silva. Ensaio de classificação tipológica sobre as pontas de arremessos e outros objetos líticos da tradição Potiguar. In: *Suplemento*, n. 15. Natal: UFRN, 1983.
- LEAKEY, Richard E.. *A evolução da humanidade*. São Paulo: Melhoramentos, 1981.
- LIMA, Tânia Andrade. Arqueologia histórica: algumas considerações teóricas. *Clio: série arqueológica*. Recife: UFPE, n. 5, p. 87 – 89, 1989.
- LIRA, Tavares. *História do Rio Grande do Norte*. 3. ed.. Natal: IHGRN, 1998.
- MARTIN, Gabriela. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. Recife: UFPE, 1999.
- _____, Gabriela. Registro rupestre e registro arqueológico do nordeste do Brasil. *Revista da SAB*, São Paulo: editado pela SAB, v. 8, n. 1, p. 291-302, 1994.
- MEDEIROS, Tarcísio. *Proto História do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Presença/FJA, 1985.
- MEGGERS, Betty J.. *América pré-histórica*. 2. ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MENDES, Josué Camargo. *Conheça a pré-história brasileira*. São Paulo: EDUSP/Editora Polígono, 1970.
- MONTEIRO, Denise. *Introdução a história do Rio Grande do Norte*. Natal: EDUFRN, 2000.
- MOURA, Pedro. *Fatos da História do Rio Grande do Norte*. Natal: Companhia Editora do RN, 1986.
- NASSER, Nassáro A. de Souza. Considerações preliminares sobre a arqueologia da bacia do rio Curimataú. *Arquivos do Instituto de Antropologia Câmara Cascudo*, Natal: UFRN, Imprensa Universitária, 1970.

- PESSIS, Anne-Marie. Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara. In: Tenório, Maria Cristina. (Org.). *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- _____, Anne-Marie. Registros Rupestres: perfil gráfico e grupo social. *Revista da SAB*, São Paulo: editado pela SAB, v. 8, n. 1, p. 283-289, 1994.
- PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília: UNB, 1990.
- _____, André. Arqueologia, Pré-história e História. In: TENÓRIO, Maria Cristina. (Org.). *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. Caçadores coletores de Roraima. In: TENÓRIO, Maria Cristina. (Org.). *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- ROOSEVELT, Ana. A entrada do homem na América. In: TENÓRIO, Maria Cristina. (Org.). *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- SEDA, Paulo. A questão das interpretações em arte rupestre no Brasil. *Clio: série arqueológica*, Recife: UFPE, v. 1, n. 12, p. 139 – 167, 1997.
- SHMITZ, Pedro Ignácio. A questão do paleoíndio. In: TENÓRIO, Maria Cristina. (Org.). *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- SILVA, Antonio Campos e. *Levantamento do material pré-histórico do Oeste potiguar*. Série B, 1983. (Coleção Mossoroense, n. 329).
- SILVA, Roberto Airon. Arte rupestre pré-histórica. *Galante*, n. 23, abril, 2001.
- SOARES, Luci de Lourdes. *Notas a lápis sobre a arqueologia norte-rio-grandense*. Série B, 1982. (Coleção Mossoroense, n. 381).
- SOUZA, Alfredo Mendonça de. História da arqueologia brasileira. *Pesquisas: Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, n. 46, 1991.
- SOUZA, Paulo Tadeu de, PACHECO, Leila Serafim, SPENCER, Walner Barros. *Projeto Soledade: relatório final*, 1994.
- SPENCER, Walner Barros. *Em busca dos grandes caçadores*. 1995. 85 f. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio grande do Norte, Natal.